

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Joana Fernandes Gomes Ferreira Garcia

Orientadora: Professora Doutora Paula Colares Pereira

Lisboa, julho de 2011

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Joana Fernandes Gomes Ferreira Garcia

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Paula Colares Pereira

Lisboa, julho de 2011

AGRADECIMENTOS

Um sincero agradecimento à Professora Doutora Paula Colares Pereira por todo o apoio prestado na elaboração deste Relatório de Estágio Profissional e por toda a disponibilidade e empenho demonstrados.

Ao Dr. António Ponces de Carvalho, director da Escola Superior de Educação João de Deus, pela oportunidade que me deu de concluir a minha formação académica e por me ter proporcionado momentos de valiosas aprendizagens.

A todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus, em especial ao professor Humberto Duque, por sempre se terem mostrado disponíveis para ajudar em tudo o que lhes fosse possível.

A todos os professores e educadores do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, por me terem recebido de braços abertos e me terem ajudado ao longo de todo o estágio.

A todas as crianças do Jardim-Escola da Estrela pelo carinho demonstrado em todos os momentos de estágio.

Aos meus pais, em especial à minha mãe, por sempre terem sido os melhores do mundo.

À minha irmã, por ter estado sempre do meu lado em todos os momentos da minha vida.

Ao meu namorado, pela ajuda, compreensão, dedicação e até alguma paciência em momentos mais stressantes da minha vida académica e pessoal.

A todos os meus amigos que estiveram sempre presentes nos bons e nos maus momentos.

A todos os meus colegas e amigos de faculdade, em especial à Vânia Oliveira, que me acompanharam durante todo o meu percurso académico e o tornaram inesquecível.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
1. Identificação do local de estágio	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio	3
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	4
4. Identificação do grupo de estágio	5
5. Metodologia	5
6. Pertinência do estágio	6
7. Cronograma	7
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS	9
1.1. 1. ^a Secção – Estágio no 4.º Ano B – Bibe Azul-Escuro	15
1.1.1. Caracterização da turma	15
1.1.2. Caracterização do espaço	16
1.1.3. Horário	17
1.1.4. Relatos diários	18
1.2. 2. ^a Secção – Estágio no 1.º Ano B – Bibe Castanho	36
1.2.1. Caracterização da turma	36
1.2.2. Caracterização do espaço	38
1.2.3. Horário	38
1.2.4. Relatos diários	40
1.3. 3. ^a Secção – Estágio no 2.º Ano B – Bibe Verde	56

1.3.1. Caracterização da turma	56
1.3.2. Caracterização do espaço	57
1.3.3. Horário	58
1.3.4. Relatos diários	59
1.4. 4.ª Secção – Semana de estágio intensivo no 4.º Ano B – Bibe Azul-Escuro	73
1.5. 5.ª Secção – Estágio no 3.º Ano B – Bibe Azul Claro	77
1.5.1. Caracterização da turma	77
1.5.2. Caracterização do espaço	78
1.5.3. Horário	79
1.5.4. Relatos diários	80
CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES	97
2.1. Fundamentação Teórica	99
2.2. Planificação de Aulas	101
CAPÍTULO 3 – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO	115
3.1. Fundamentação Teórica	117
3.2. Avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa	118
3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	119
3.2.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho	121
3.2.3. Descrição da grelha de avaliação	122
3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico	123
3.2.5. Análise do gráfico	123

3.3. Avaliação da proposta de trabalho de Matemática	124
3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	124
3.3.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho	127
3.3.3. Descrição da grelha de avaliação	128
3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico	129
3.3.5. Análise do gráfico	129
3.4. Avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio	130
3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	130
3.4.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho	132
3.4.3. Descrição da grelha de avaliação	133
3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico	134
3.4.5. Análise do gráfico	134
CAPÍTULO 4 – REFLEXÃO FINAL	137
4.1. Limitações	140
4.2. Novas Pesquisas	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXOS	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Roda	12
Figura 2 – Recreio	14
Figura 3 – Sala do 4.º Ano B	16
Figura 4 – Sala do 1.º Ano B	38
Figura 5 – Sala do 2.º Ano B	57
Figura 6 – Sala do 3.º Ano B	78
Figura 7 - Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	99
Figura 8 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa	123
Figura 9 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Matemática	129
Figura 10 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio	134

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma	8
Quadro 2 – Calendarização dos momentos de observação do Estágio	11
Quadro 3 – Horário do 4.º Ano B	17
Quadro 4 – Horário do 1.º Ano B	39
Quadro 5 – Horário do 2.º Ano B	58
Quadro 6 – Horário do 3.º Ano B	79
Quadro 7 - Plano de Aula de Língua Portuguesa do 2.º Ano B	102
Quadro 8 – Plano de Aula de Matemática do 2.º Ano B	105
Quadro 9 – Plano de Aula de Estudo do Meio do 2.º Ano B	108
Quadro 10 – Plano de Aula de História – 3.º Ano B	111
Quadro 11 – Plano de Aula de Língua Portuguesa – 3.º Ano B	112
Quadro 12 – Plano de Aula de Matemática – 3.º Ano B	113
Quadro 13 – Plano de Aula de Jogo – 3.º Ano B	114
Quadro 14 – Escala de avaliação utilizada	119
Quadro 15 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Língua Portuguesa	120
Quadro 16 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa	121
Quadro 17 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Matemática	125
Quadro 18 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Matemática	127
Quadro 19 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Estudo do Meio	130
Quadro 20 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio	132

INTRODUÇÃO

1. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola foi fundado em 1915, é o mais antigo de Lisboa e está situado numa área maioritariamente residencial, mas também com espaços comerciais. Encontra-se numa zona de grande tráfego, perto do Jardim da Estrela e do Liceu Pedro Nunes.

Relativamente ao espaço físico, tem salas de aula, biblioteca, sala de informática, sala multiusos, ginásio, cantina, cozinha, um salão (que desempenha a função de refeitório na hora de almoço e de sala de dois grupos de crianças de 4 anos de idade, nos restantes momentos do dia), casas de banho para crianças, casas de banho para adultos, secretaria, gabinete de direção, sala de professores, despensa e ateliê de cerâmica.

O espaço exterior é constituído por dois recreios, um para as crianças do Pré-Escolar e outro para as crianças do Primeiro Ciclo. Neste último existe um local de divertimento com um escorrega.

Deste estabelecimento de ensino fazem parte uma Diretora Pedagógica, educadores e professores, duas educadoras de apoio e outros colaboradores.

As crianças que frequentam o Jardim-Escola têm idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos de idade. A cada idade corresponde uma cor de bibe: Bibe Amarelo – 3 anos; Bibe Encarnado – 4 anos; Bibe Azul – 5 anos; Bibe Castanho – 1.º Ano do Ensino Básico; Bibe Verde – 2.º Ano; Bibe Azul Claro – 3.º Ano; Bibe Azul-Escuro – 4.º Ano.

No Jardim-Escola as crianças têm atividades não curriculares como Música, Informática, Biblioteca, Inglês e Educação Física.

O Jardim-Escola da Estrela faz parte da Associação de Jardins-Escola João de Deus que conta, atualmente, com 47 centros educativos da qual também fazem parte os centros infantis, as ludotecas, os museus e a Escola Superior de Educação João de Deus.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, foi-me solicitado que realizasse um Relatório de Estágio Profissional. Este está dividido em 5 capítulos:

capítulo 1, Relatos diários; capítulo 2, Planificações; capítulo 3, Dispositivos de avaliação e capítulo 4, Reflexão final.

O capítulo 1 está dividido em 5 secções, contendo, cada uma delas, a caracterização da turma, caracterização do espaço, horário da turma e relatos diários. Foi-me pedido que elaborasse os relatos diários com as respetivas inferências e fundamentação de acordo com as referências bibliográficas.

Do capítulo 2 fazem parte três das planificações que elaborei durante o estágio no 2.º Ano B (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio) e, também, as planificações referentes à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). Os procedimentos relativos às planificações do 2.º Ano B serão fundamentados cientificamente.

Em relação ao capítulo 3, este é constituído pelos dispositivos de avaliação que elaborei como fichas formativas e informativas e grelhas de avaliação.

Por fim, o capítulo 4 diz respeito à minha reflexão acerca de todo o estágio profissional e limitações que senti ao elaborar este Relatório Profissional.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

O motivo mais óbvio da elaboração deste relatório de estágio foca-se, sobretudo, no facto deste ser essencial para a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Com este trabalho pretende-se refletir e consolidar tudo aquilo que aprendemos durante o estágio profissional, o que, futuramente, contribuirá para a nossa profissão.

O estágio possibilita-nos a construção da identidade profissional do docente, na medida em que permite uma maior aproximação com a realidade escolar, tanto a nível de conceitos como de procedimentos que deveremos tomar quando iniciarmos a nossa prática profissional.

De acordo com Alegria et. al., citado por Rodrigues, A. (2009, p.66),

“O ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer

numa Escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio, todos eles supervisionados por docentes das Universidades (chamados quer orientadores, quer coordenadores ou supervisores, já que estas designações têm a ver com o uso e com a legislação).”

No fundo, o estágio profissional permite-nos ter uma visão mais ampla daquilo que poderemos/devemos ou não fazer ao longo da nossa vida profissional.

4. Identificação do grupo de estágio

O grupo de estágio é constituído por dois elementos: a minha colega e amiga, Vânia Oliveira, e por mim. Uma vez que somos par de estágio desde o 2.º Ano da Licenciatura, interagimos e ajudamo-nos mutuamente na realização e planificação de aulas, o que ajuda bastante na execução das mesmas. Uma vez que a minha colega já tem alguma prática profissional, (pois trabalhou durante três anos na área da educação, num Colégio) sabe, muitas vezes, como reagir perante determinadas situações.

O facto de sermos um grupo faz com que, ao observar as aulas uma da outra, consigamos reconhecer as principais dificuldades e facilidades da outra. Com as críticas feitas pelas professoras e mesmo pela minha colega relativamente às aulas que dei, foi-me possível melhorar ao longo de todo o estágio.

5. Metodologia

A metodologia utilizada durante o estágio profissional foi a análise documental e a observação. Todos os dados presentes neste relatório, nomeadamente os relatos, foram recolhidos através da técnica de observação e os horários e a caracterização das turmas foram obtidos através da análise de documentos facultados pelas professoras das salas onde realizei o estágio.

Quivy & Campenhoudt (2003, p.155) afirmam que:

“A observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações. A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos

conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro”.

Neste trabalho, a técnica de observação utilizada para a recolha de dados foi a observação do tipo participante em que, para os mesmos autores, “o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifestada e recolhida directamente neles pelo observador.” (p.164)

Trata-se de uma técnica naturalista, direta, semi-participante e declarada.

Naturalista pois, durante o estudo encontrei-me no meio natural e a informação que recolhi foi realizada em tempo real e no local da sua ocorrência.

Uma observação direta, pois estive presente no momento em que estive a observar e fi-lo em contexto de sala de aula em tempo real.

É considerada também uma observação semi-participante pois em alguns momentos estive apenas a observar, sendo somente espetadora, enquanto noutros participei nas atividades de sala de aula, ajudando a professora e as crianças na elaboração das mesmas.

Por fim, pode classificar-se também de declarada, pois a professora tinha conhecimento da minha presença dentro da sala de aula, sabendo que eu não poderia tirar quaisquer tipos de apontamentos sobre as aulas dadas pela mesma ou por outras estagiárias durante o período de estágio.

É importante para a realização deste Relatório de Estágio Profissional, fundamentar com bibliografia atual em termos de conteúdos.

6. Pertinência do estágio

A Escola Superior de Educação João de Deus, apostando na formação de educadores e professores competentes, permite aos seus alunos este contato com a realidade educativa, uma vez que nos dá acesso a uma formação mais abrangente em prol da nossa futura profissão.

Este Estágio Profissional é essencial, uma vez que é o último ano que temos antes de entrarmos no “mercado” de trabalho. Como futuros professores, é verdadeiramente importante que tenhamos um contato mais intensivo com as crianças, participando ativamente nas suas atividades diárias.

7. Cronograma

De forma a proporcionar uma pesquisa mais facilitadora das atividades ocorridas durante o estágio, elaborámos um cronograma (Quadro1) onde consta um total de 376 horas de estágio, dentro das quais: observações de aulas dadas pela professora cooperante e pelo meu par de estágio, aulas programadas, aulas surpresa, e 430 horas dedicadas à pesquisa bibliográfica e à realização do presente relatório de estágio e reuniões de acompanhamento orientado.

O Estágio Profissional iniciou-se a 12 de outubro de 2010 e terminou a 8 de julho de 2011, num total de 32 semanas, realizando-se três vezes por semana (2.^a, 4.^a e 6.^a feiras), das 9h às 13h, com a duração de 12 horas semanais. Este consistia na observação e descrição do dia-a-dia das crianças no Jardim-Escola, passando por todos os grupos etários do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com a normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000) de forma a organizarmos a construção do trabalho que realizámos.

Quadro 1 - Cronograma

Meses	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
Atividades																																								
Observação de Aulas					X				X	X											X				X	X														
Aulas programadas					X				X	X			X								X				X	X														
Aulas surpresa								X								X																								
Pesquisa Bibliográfica												X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Elaboração do Relatório de estágio									X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Reuniões de acompanhamento																																								

CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS

Este capítulo está dividido em cinco secções que correspondem aos quatro momentos de estágio realizados no Jardim-Escola (JE) da Estrela, conforme se pode ver no Quadro 2 (a cor de cada secção corresponde ao grupo etário onde foi realizado) e ao estágio intensivo. Em cada secção está identificado o período de estágio, o nome do Professor Cooperante, a caracterização da turma, a caracterização do espaço, o horário e os relatos diários com as inferências e as respetivas fundamentações científicas.

Quadro 2 – Calendarização dos momentos de observação do Estágio.

Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
12	2	3	3	1	7	1	2	3	1
15	5	6	4	4	8	4	3	6	4
18	8	7	7	7	11	5	6	7	5
19	9	10	10	8	14	8	9	14	8
22	12	13	11	11	15	11	10	17	
25	15	14	14	14	18	12	13	20	
26	16	17	17	15	22	15	16	21	
29	19		18	18	25		17	24	
	22		21		28		20	27	
	23		24		29		24	28	
	26		25		30		27		
	29		28				30		
	30		31				31		

De seguida, e antes de iniciar as secções, serão apresentadas algumas das rotinas diárias dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas são cumpridas, diariamente, pelos alunos e respetivos professores, e que segundo Zabalza, (1998, p.52):

“atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldades para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem efeitos importantes sobre a segurança e a autonomia.”

- **Acolhimento no salão**

Todos os dias, às 9h, é realizada a roda no salão ou no recreio, onde as crianças cantam com as educadoras, professoras e estagiárias. A roda é constituída por todas as crianças do JE, desde o Bibe Amarelo até ao 4.º Ano do Ensino Básico, e é organizada da seguinte maneira, conforme se pode ver na figura 1: no centro encontram-se as crianças do Bibe Amarelo (3 anos), seguem-se as crianças do Bibe Encarnado (4 anos), atrás destas estão dispostas as crianças do Bibe Azul (5 anos), seguidamente encontram-se os alunos do Bibe Castanho (1.º Ano), Bibe Verde (2.º Ano), Bibe Azul-Claro (3.º Ano) e, por fim, os do Bibe Azul-Escuro (4.º Ano).

Segundo Zabalza (1998, p. 194), a roda “é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc”.

A roda dura, aproximadamente, 20 minutos e o Hino João de Deus é a última música a ser cantada, sendo de carácter obrigatório, diariamente.

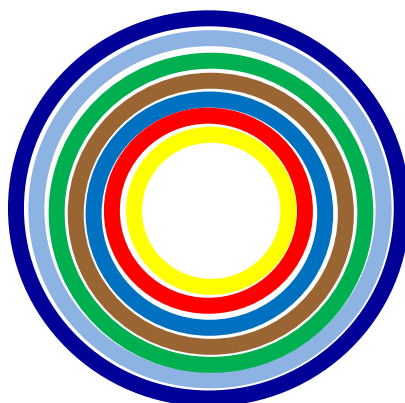


Figura 1 – Roda

- **Higiene**

Quando termina o momento das cantigas, cada turma, acompanhada da respectiva professora, dirige-se à casa de banho. Este processo acontece, diariamente, no início da manhã, antes e depois do recreio da manhã, antes e após o almoço, após o recreio do almoço e após a hora do lanche.

Cordeiro (2007, p.373) firma que “o momento da higiene é deveras importante (...). Variando muito de criança para criança (e de idade para idade) há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia”.

Ainda segundo este autor,

“É bom que, paralelamente a uma aprendizagem das regras de lavagem, por forma a que sejam instintivas, se faça também ver às crianças que não se trata de um «frete» a fazer aos pais, ou um bilhete para poder ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida”. (p.106)

Assim, na escola, cabe aos professores e educadores, incutir nas suas crianças a importância de lavarem as mãos sempre antes das refeições, após a ida à casa de banho e depois de assoar, tossir ou espirrar.

- **Recreio da manhã**

Às 11h, os alunos, acompanhados pelas respectivas professoras e estagiárias, dirigem-se ao recreio onde brincam, livremente, durante aproximadamente 30m, juntamente com as outras crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Segundo o Ministério da Educação (2002, p.39):

“(...) o espaço educativo não se limita ao espaço imediato partilhado pelo grupo; situa-se num espaço mais alargado – o estabelecimento educativo – em que a criança se relaciona com outras crianças e adultos, que, por sua vez, é englobado pelo meio social, um meio social mais vasto.”

As professoras e estagiárias acompanham as crianças durante o momento do recreio, alternando entre si o tempo de descanso.

Muitas vezes, as professoras realizam jogos e participam em atividades com as crianças, o que leva a uma maior aproximação entre os grupos. Desta forma, as crianças

encaram esta aproximação como forma de perceberem que o professor é alguém que ensina e dita regras mas que também brinca e se relaciona com os seus alunos de forma menos formal.

Ainda de acordo com a fonte atrás referida,

“Embora as actividades informais não se realizem só no espaço exterior, este é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis. Nesta situação, o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas.” (p.39)

O recreio é, portanto, um espaço bastante importante no recinto escolar representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas nas quais desenvolvem a sua motricidade ao correrem e saltarem livremente (figura 2).



Figura 2 – *Recreio*

- **Almoço**

Às 13h, as crianças dirigem-se à cantina. A esta hora, neste espaço, apenas se encontram a almoçar os 3.º e 4.º Anos.

Uma vez que já são, nestas idades, crianças autónomas, já comem sozinhas. As auxiliares de educação e até mesmo as professoras ajudam, muitas vezes, a organizar o espaço, servindo os almoços e recolhendo a loiça.

Segundo Cordeiro (2007, p.373),

“o almoço (e mais tarde o lanche) serve para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correcto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no Jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição.”

- **Horário**

Os horários são previamente estipulados e organizados em conselho escolar de acordo com a realidade educativa em questão e, de uma forma geral, são cumpridos pelos respetivos professores e crianças. Este documento faz parte do Plano Curricular de Turma (PCT).

Gostaria de chamar a atenção que, pelo facto de realizar o estágio apenas às segundas, terças e sextas-feiras, entre as 9h e as 13h, apenas me foi possível observar as atividades que ocorriam nestas horas.

1.1. 1.ª Secção – Estágio no 4.º Ano B – Bibe Azul-Escuro

O estágio no 4.º Ano B realizou-se no período entre 12.10.2010 e 26.11.2010, com a professora cooperante Rita Augusto.

1.1.1. Caracterização da Turma

A turma do 4.º Ano B é constituída por 18 elementos, 10 raparigas e 8 rapazes.

Segundo informações retiradas de um documento fornecido pela professora titular, dois alunos frequentam o apoio educativo, sendo que um deles está ao abrigo do Decreto Lei 3/2009, com a necessidade educativa especial permanente: dislexia. O outro

aluno beneficia de apoio pedagógico individualizado nas áreas em que revela maiores dificuldades de aprendizagem: Língua Portuguesa e Matemática.

A turma apresenta maiores dificuldades na área da Matemática, nomeadamente no algoritmo da divisão, na tabuada e no raciocínio lógico inerente às situações problemáticas. Na área da Língua Portuguesa, as maiores dificuldades centram-se na ausência de riqueza de vocabulário e na estruturação de textos escritos.

A turma do 4.º Ano B, respeitante ao ano letivo de 2010/2011, é uma turma homogénea no que concerne a comportamentos e atitudes. Alguns membros da turma têm alguma dificuldade em manter o silêncio durante a realização das atividades e, também, em manter uma postura correta no decorrer das aulas. No entanto, a maioria dos elementos da turma revela um grau de calma e de sociabilidade adequado ao grau de ensino em que se encontram.

1.1.2. Caracterização do espaço



Figura 3 - Sala do 4.º Ano B

A sala do 4.º Ano B (Figura 3) está situada no 1.º piso e é uma sala com bastante luz. Tem quatro janelas, em que duas delas dão para o recreio e as outras duas dão para as traseiras do Jardim-Escola.

Nesta sala, os móveis, as cadeiras e as mesas são, maioritariamente, de madeira, havendo também cadeiras de plástico com várias cores.

As paredes da sala são brancas onde estão colocados vários placards que são utilizados pela professora para afixar trabalhos realizados pelos alunos ao longo das semanas.

Existe, também, um quadro interativo que é frequentemente utilizado.

A sala está organizada de maneira a que as crianças aprendam num ambiente facilitador de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que é uma sala bastante acolhedora.


1.1.3. Horário

No horário do 4.º Ano B estão contempladas as seguintes áreas curriculares e não curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Atividade Curricular não Disciplinar, Expressão Artística, Educação Física, Inglês, Expressão Musical, Assembleia de Turma, Orquestra, Biblioteca/Informática e Clube de Ciência.

De seguida, apresento no quadro 3 o horário integral da turma, cedido, gentilmente, pela professora da sala, e que faz parte do Projeto Curricular de Turma.

Quadro 3 – Horário do 4.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	ACDN	Educação Física	Estudo do Meio		ACDN
15.20 – 16.10	Expressão Artística	Estudo do Meio	Expressão Musical	Estudo do Meio	Biblioteca/Informática
16.10 – 17.00	Inglês	Assembleia de Turma ACDN	Orquestra	Clube de Ciência	Estudo do Meio
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.1.4. Relatos Diários

12.10.2010

Hoje foi o primeiro dia de estágio.

A aula iniciou-se com as apresentações. O grupo, visto que era a primeira vez que me teria como estagiária, colocou-me algumas questões de nível pessoal às quais respondi sem pudor. A professora da sala colocou-me completamente à vontade para intervir sempre que achasse pertinente.

Terminadas as apresentações, a professora começou por escrever no quadro a “Agenda Diária”. Esta consiste em registar as matérias e duração das mesmas que estão programadas para cada dia.

Depois do recreio da manhã, estiveram a trabalhar na área da Matemática – áreas e perímetros com recurso ao material Cuisenaire.

Inferências

A utilização do material Cuisenaire, para vários autores, é de extrema importância desde o Pré-Escolar, uma vez que permite às crianças trabalharem os conceitos matemáticos, desenvolvendo o raciocínio lógico-matemático de uma forma lúdica.

Este material é constituído por prismas quadrangulares, em madeira ou plástico, de 10 cores e 10 comprimentos diferentes (de 1cm a 10cm). A peça branca é a peça padrão e vale 1 unidade. Segue-se a peça encarnada que vale 2 unidades, a peça verde clara que representa 3 unidades, a peça rosa que tem o valor de 4 unidades, a peça amarela que vale 5 unidades, a peça verde escura que representa 6 unidades, a peça preta que vale 7 unidades, a peça castanha que tem o valor de 8 unidades, a peça azul que vale 9 unidades e, por fim, a peça laranja que representa 10 unidades.

Segundo Caldeira (2009, p.126), “Para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial.

As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação”.

A manipulação deste material permite também, às crianças, não só trabalhar conteúdos matemáticos como a iniciação à matemática, noção de par e ímpar, manipulação das operações numéricas, como também, numa fase mais avançada, as áreas, perímetros, volumes e frações. Permite, também, compreender alguns conceitos que podem não ser tão explícitos no abstrato.

Ainda segundo a mesma autora, “O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas”. (p.15)

Desta forma, podemos concluir que a estratégia utilizada pela professora permitiu que os alunos desenvolvessem os conceitos já referidos.

15.10.2010

Hoje as crianças estiveram a realizar a Prova Mensal de Estudo do Meio e História de Portugal durante 90 minutos, enquanto estive reunida com a professora Rita para marcar as datas das aulas e respetivos temas.

Depois do intervalo da manhã, os alunos regressaram à sala de aula onde realizaram uma atividade de Língua Portuguesa – “Ditado de palavras [s]”. Quando terminaram, cada aluno foi ao quadro corrigir uma palavra, enquanto os restantes as corrigiam no lugar.

Inferências

Para Gomes e Castro (2009), esta atividade é de extrema importância pois, permite trabalhar a consciência fonológica visto que a produção escrita respeita os sons mas os alunos, na ortografia, apresentam dificuldades. Pelo facto de recorrerem à escrita, permite também, treinarem a memória.

18.10.2010

Hoje, a manhã teve início com uma breve conversa sobre o que os alunos fizeram durante o fim-de-semana.

De seguida, os alunos, individualmente, leram as composições que elaboraram em casa, baseadas num tema dado pela professora, cujo enunciado dizia: “Imagina que um dia acordaste numa cama redonda, num quarto redondo, que tu próprio/a estavas redondo/a e que, quando saíste para a rua, tudo era redondo também”. Após esta partilha de ideias, a professora recolheu os trabalhos para posterior correção.

Terminada a apresentação oral de alguns dos trabalhos, a professora pediu às crianças que abrissem o livro de leitura numa determinada página, e deu-lhes cinco minutos para prepararem o texto pois ia fazer uma avaliação de leitura.

Após a avaliação, a professora pediu-me que preparasse algumas questões de compreensão do texto para realizar com os alunos. Comecei por escrever, no quadro, algumas dessas questões e, em conjunto com as crianças, respondemos às mesmas.

No segundo tempo da manhã, iniciou a aula na área da Matemática, entregando a cada aluno uma ficha cujo título era “Ditado de números” que consistia no seguinte: a professora ditava números por referência à última ordem e os alunos tinham de traduzi-los matematicamente para o papel.

Pouco antes do final da manhã, os alunos estiveram a ensaiar três músicas sobre a tabuada para uma posterior atuação no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Inferências

O exercício de leitura, segundo vários autores, deve ser contínuo desde o momento em que a criança aprende a ler. É importante que este seja feito diariamente, não necessariamente através de um texto ou uma história, mas simplesmente através de palavras ou frases curtas.

De acordo com os autores Gomes e Castro (2000, p.118), “Lemos, ao dar uma vista de olhos ao jornal; ao procurar um número de telefone na lista; ao seguir a prosa

de um romancista...Através destes exemplos, é fácil tomar consciência que se pode ler de maneiras muito diferentes ”.

O exercício da leitura deve ser trabalhado diariamente não só na área da Língua Portuguesa como também nas restantes áreas curriculares, pois ao resolverem, por exemplo, um exercício matemático, há que lê-lo e interpretá-lo de forma a facilitar a sua resolução.

19.10.2010

Hoje, a professora Rita iniciou a manhã de aulas, colocando algumas questões de cálculo mental aos alunos. De seguida, pediu a uma criança que distribuísse as caixas do 5.º Dom de Froebel por cada aluno. Quando todas as crianças tinham a sua caixa, a professora deu início à aula. À medida que iam realizando a construção (o sofá), a professora ia trabalhando a soma e a subtração de frações e colocando algumas questões de cálculo mental.

Depois do intervalo da manhã, a professora propôs-nos, à Vânia e a mim que realizássemos a próxima construção – o poço.

Terminada esta aula, os alunos abriram a lição de Língua Portuguesa, escreveram o sumário e, posteriormente, fizeram um ditado. No final cada aluno, com o apoio do livro de leitura, corrigiu os erros ortográficos.

Inferências

O 5.º Dom de Froebel é um material que permite trabalhar vários conceitos matemáticos de forma lúdica. É composto por 21 cubos inteiros, 3 cubos partidos em dois meios e 3 cubos partidos em quatro quartos.

É um material utilizado para fazer construções, tendo sempre um interesse pedagógico inerente como o equilíbrio, a lateralidade, a noção espacial, o cálculo mental, entre outros.

A construção realizada pela professora foi o sofá, e, a partir dela, trabalhou as frações. Segundo Caldeira (2009, p.303):

“O trabalho inicial com as frações pode ser processado por experiências de partilha equitativa. O conceito de unidade e a sua subdivisão em várias partes iguais devem ser realizados com diversos modelos, dinamizando, a linguagem oral, estabelecendo conexões com os símbolos.”

Com este material, espera-se ainda desenvolver na criança algumas capacidades e destrezas com o saber contar, o construir, o equilíbrio, pois ao movimentar as peças para realizar uma construção, os dedos têm de estar posicionados em forma de “pinça”, e não devem deixar cair as restantes peças.

22.10.2010

Hoje, a aula teve início com a entrega dos testes de Língua Portuguesa. Depois de, individualmente, dizer as notas a cada aluno, a professora pediu a cada um que fizesse a correção escrita da prova.

Após o recreio, e já de regresso à sala de aula, a professora entregou a cada criança o material Geoplano e vários elásticos para cada par. Com este material trabalhou vários conteúdos matemáticos, tais como: a área do quadrado, perímetros e simetrias.

Inferências

De acordo com vários autores, o material Geoplano permite ao aluno observar e analisar figuras geométricas desde a idade pré-escolar.

Numa fase inicial, deve deixar-se a criança manipular livremente o material para que esta descubra por si a utilidade do mesmo e consiga identificar figuras geométricas construídas por si.

Numa fase mais avançada poder-se-á trabalhar conteúdos matemáticos como a simetria, itinerários, perímetros, áreas, figuras equivalentes, construção de polígonos, entre outros.

Segundo Serrazina e Matos (1996, p.14):

“Uma das grandes vantagens do Geoplano é a sua mobilidade, o que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições. Outra das vantagens específicas do Geoplano é que, ao contrário da folha de papel é um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjecturas”.

O recurso a este material permite às crianças, até às mais fracas a nível da matemática, aplicar conceitos que através do lápis e do papel seriam mais difíceis de concretizar.

25.10.2010

Hoje, a professora começou a aula com uma breve conversa com os alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana, como é costume fazer às segundas-feiras.

Seguiu-se a correção escrita dos trabalhos de casa sobre os sinais de pontuação.

Após o recreio da manhã, corrigiram, oralmente e em conjunto com a professora, a Prova Mensal de Estudo do Meio e História de Portugal e realizaram uma ficha de Matemática sobre gráficos de barras – construção, análise e interpretação.

Inferências

Todo o processo que leva à realização de um trabalho de casa, permite ao aluno, segundo vários autores, preparar-se, organizar-se e refletir sobre o mesmo.

Ao contrário do que acontece, muitas vezes, em sala de aula, em casa o aluno tem um ambiente que lhe permite uma maior concentração e um maior intervalo de tempo para elaborar todo o trabalho.

De acordo com Meirieu (1998, p.74), “É preciso ter tempo para reflectir, recolher ideias, exemplos, deixar amadurecer o plano, imaginar possíveis objecções, reler o trabalho todo com um novo olhar, fazer as correcções necessárias”.

Desta forma, conclui-se que os trabalhos realizados em casa complementam as aprendizagens feitas em sala de aula pois, ao realizá-los, as crianças praticam o que aprenderam num ambiente mais sossegado.

26.10.2010

Hoje, a professora iniciou a aula fazendo avaliação da tabuada.

Quando esta terminou, introduziu a aula de Língua Portuguesa onde abordou o tema Família de Palavras – morfemas (prefixos e sufixos).

Depois do recreio da manhã, a professora pediu-me que desse a aula de Matemática que consistia na resolução de quatro situações problemáticas.

Inferências

A avaliação é parte integrante e bastante importante do ensino pois permite ao professor ter uma noção, neste caso individual, daquilo que os alunos sabem ou não.

É importante também que o aluno saiba que está a ser avaliado pois, desta forma, o seu empenho na resolução dos exercícios será maior.

Segundo Matos e Serrazina (1996, p.),

“É essencial para um ensino eficaz conhecer os significados que os alunos estão a atribuir às ideias matemáticas que estão a aprender, de forma a assegurarmo-nos de que uma sólida fundamentação está a ser formada. Assim, a avaliação deve ser uma interacção entre o professor e os alunos, com o professor continuamente a procurar compreender o que um aluno pode fazer e como é capaz de fazê-lo e a usar esta informação para orientar o seu ensino”.

Não posso deixar de mencionar que é hábito da professora fazer, uma vez por semana, a avaliação de tabuada, o que faz com que os alunos, ao saberem que serão avaliados semanalmente, se empenhem e estudem.

29.10.2010

A manhã de aulas teve início com a revisão dos múltiplos e submúltiplos das medidas de capacidade e de volume.

A professora questionou os alunos sobre o porquê de ser feriado no dia 1 de Novembro, e explicou em que consistia o Dia de Todos os Santos.

De seguida, e como estamos em vésperas do Halloween, entregou a cada aluno um pequeno texto informativo sobre o mesmo e pediu a vários alunos que o lessem para depois fazerem um ditado dos quatro primeiros parágrafos.

Após o recreio da manhã, a professora iniciou a aula de Matemática com recurso ao material Cuisenaire para introduzir as frações.

Inferências

Mais uma vez, a utilização de materiais manipulativos em sala de aula, permite uma aprendizagem mais eficaz por parte dos alunos pois, desta forma, têm oportunidade de explorar o material antes e durante a sua utilização.

Podemos ler nas Normas portuguesas para o ensino da matemática (1991, p.273) “A predisposição dos alunos para a matemática manifesta-se no modo como abordam as tarefas – se é com confiança, com vontade de explorar alternativas, com perseverança e interesse – e na sua tendência para refletir sobre o seu próprio pensamento”.

Desta forma, ao manipular objetos, a criança vai construindo e desenvolvendo estruturas mentais matemáticas que, mais tarde, ser-lhe-ão uteis no seu dia-a-dia. No entanto, não chega manipular os objetos é também necessário que o professor promova descobertas com significado, tal como vi esta professora fazer.

02.11.2010

A aula teve início com a correção dos trabalhos de casa de Língua Portuguesa que consistia em colocar os sinais de pontuação nos locais corretos de um texto. Cada aluno

tinha-o à sua frente e, à medida que a professora o ia lendo em voz alta, iam-no corrigindo.

De seguida, e corrigido o trabalho de casa, a professora escreveu uma frase no quadro e pediu-lhes que identificassem os seus constituintes.

Ainda antes do recreio da manhã, a professora pediu que guardassem os textos e preparou um ditado de palavras. À medida que ia ditando as palavras presentes no texto trabalhado no início da aula, os alunos iam-nas escrevendo.

Após o recreio da manhã, os alunos regressaram à sala de aula onde iniciaram a correção dos trabalhos de casa de matemática – números decimais. Este consistia em somar e subtrair números inteiros com números decimais.

Inferências

A utilização adequada dos sinais de pontuação permite ao aluno, segundo Condemarin e Chadwick (1987, p. 176), “a adequada comunicação escrita mediante a transição dos aspetos prosódicos e expressivos da linguagem oral e das pausas por símbolos gráficos. Além de permitir estruturar as ideias em unidades interdependentes”.

Desta forma, ao lerem pela primeira vez um texto sem pontuação, os alunos revelam estranheza quanto ao conteúdo da informação mas, ao utilizarem pontos e vírgulas como instrumentos para que explorem as possibilidades de transformar o pensamento-falado em um compreensível texto pensamento-escrito, tudo se torna mais explícito e lógico.

05.11.2010

Hoje a aula começou com a leitura de dois capítulos do livro “As bruxas”. A leitura foi feita pela professora, enquanto os alunos a ouviam e iam seguindo a história pelos seus livros. Após a leitura, a professora pediu a duas crianças que fizessem o resumo oral dos dois capítulos lidos.

De seguida, e a poucos minutos do recreio da manhã, a professora entregou a cada aluno uma ficha de exercícios sobre sólidos geométricos. Tiveram tempo de terminá-la mas já não conseguiram corrigi-la antes do recreio.

De regresso à sala de aula, a professora entregou, a cada uma das crianças, uma ficha de matemática sobre simetrias. Esta ficha estava dividida em duas partes, uma parte informativa, que explicava quando é que duas figuras são simétricas, e uma parte de exercícios, em que os alunos tinham de desenhar uma figura simétrica à figura dada.

Inferências

Mais uma vez, é necessário referir a importância do exercício da leitura no dia-a-dia das crianças pois é essencial que este seja feito diariamente de modo a estimular e desenvolver certas características essenciais como a linguagem, o vocabulário, a imaginação, a memória, e a reflexão.

Segundo Gray, citado por Ministério da Educação (1998, p.177):

“Ler bem não significa somente identificar palavras e aprender ideias, mas também meditar sobre elas, discernir as relações e o sentido implícito. Para ser capaz de servir-se das ideias, o leitor deve reflectir sobre aquilo que lê, pesar o seu real valor, apreciar a validade das opiniões ou conclusões expressas”.

Cabe ao professor criar estratégias de forma a formar leitores, formar crianças que criem em si o gosto pela leitura para que, mais tarde, sejam adultos cultos e bons falantes.

08.11.2010

Hoje tive a minha primeira manhã de aulas marcadas pela professora.

Quando entrámos na sala, e depois de estarem todos sentados e em silêncio, iniciei a aula perguntando-lhes como tinha sido o fim-de-semana e se tinham feito alguma coisa de diferente do que fazem habitualmente durante a semana e que quisessem partilhar com a turma. As respostas foram bastante diferentes e, para iniciar a minha aula de Língua Portuguesa, aproveitei o facto de um dos meninos ter ido a uma

feira de anos para lançar o tema. Entreguei uma receita de mousse de chocolate a cada aluno e, depois de termos lido e interpretado o texto, pedi-lhes que sublinhassem todos os verbos que remetiam para um pedido ou uma ordem. Desta forma, apresentei-lhes as características do modo imperativo.

Terminada a aula de Língua Portuguesa, iniciei a aula de Matemática sobre a área do triângulo. Comecei por colocar no quadro uma figura de forma retangular e três pares de triângulos iguais dois a dois. Nos lugares, os alunos tinham também, cada um, figuras iguais às representadas no quadro. De seguida, pedi que tentassem descobrir qual a relação entre a figura retangular e um dos três pares de triângulos. Descoberta a relação, introduzi a fórmula para calcular a área de um triângulo e, posteriormente, resolvemos em conjunto uma proposta de trabalho sobre o tema.

No segundo tempo da manhã, terminei a aula de Matemática e iniciei a de Estudo do Meio, onde o tema abordado foi a pele. Recorri a um placard que continha uma imagem das várias camadas que a constituem. Depois de explicar a função de cada uma delas, realizei uma atividade que consistia no seguinte: dentro de uma caixa estavam vários objetos. Cada aluno, de olhos vendados, retirava um objeto da caixa e, através do tacto e do olfato, teria de identificá-lo.

Terminada a aula, acompanhei os alunos até à cantina onde ficaram a almoçar.

Inferências

O exercício que realizei logo no início da manhã, ao perguntar aos alunos se queriam partilhar alguma experiência do fim-de-semana, é, a meu ver, de grande importância pois permite-lhes desenvolverem determinadas competências como a linguagem oral, o vocabulário e também a socialização.

Verifiquei que alunos que normalmente são introvertidos ou que apresentam maiores dificuldades em sala de aula, gostam de participar neste tipo de exercício pois, de certa forma, ao partilharem as suas experiências, sentem-se mais acolhidos e inseridos no ambiente escolar.

09.11.2010

Hoje a aula foi dada pelo meu par de estágio que começou por perguntar aos alunos se tinham alguma novidade que quisessem partilhar com os elementos presentes.

De seguida, iniciou a aula de Matemática onde explicou o conceito de áreas equivalentes e realizou alguns exercícios de consolidação.

Na aula de Língua Portuguesa, recorrendo ao Powerpoint, falou sobre a pronominalização.

Depois do recreio da manhã, terminou a aula de Língua Portuguesa, realizando com os alunos uma proposta de trabalho, e iniciou a de Estudo do Meio, onde abordou os estados físicos da água utilizando, novamente, um suporte digital.

Inferências

A utilização das novas tecnologias pode trazer benefícios tanto para alunos como para professores. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), podem ser tecnologias educativas como nos refere Silveira-Botelho (2009, p.104), “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente” pois torna possível que tanto professores como alunos ensinem e aprendam, respetivamente, com recurso à tecnologia e a ferramentas disponíveis da internet, melhorando e motivando a aprendizagem bem como toda a prática educativa.

De acordo com Peralta, citado por Silveira-Botelho (2009, p.110), o uso das TIC pelos professores é “um fator estimulante para a inovação curricular” pois permite sair da rotina do quadro de giz e do lápis e papel, para o “mundo” cada vez mais tecnológico.

12.11.2010

Hoje a aula teve início com a leitura, feita pela professora da sala, de um capítulo do livro “As Bruxas” de Roald Dahl.

A meio da manhã, entrou na sala a professora Ana Maria e pediu-me que desse uma aula sobre os tipos de sujeito (sujeito simples, sujeito composto e sujeito subentendido). Fiz a leitura modelo de um texto do manual e, de seguida, pedi a mais duas crianças que o lessem também. Fiz uma breve revisão sobre o que é o narrador participante e o não participante e, posteriormente, pedi aos alunos que me dessem exemplos do texto em que estivesse presente cada um dos tipos de sujeito. Visto que era uma matéria que os alunos já conheciam, pedi-lhes que fossem eles a dar uma definição para cada tipo. De seguida, formaram seis grupos de três elementos e, depois de nomear os chefes de grupo, entreguei a cada um dos seis grupos uma folha de papel. Cada grupo estava responsável por escrever uma frase com um dos tipos de sujeito.

Terminada a aula, tive uma reunião de avaliação com as professoras cooperantes, professoras orientadoras e estagiárias, onde fiz a minha auto-avaliação e ouvi os pareceres das professoras e colegas que assistiram à minha aula.

Inferências

O facto de sermos avaliadas pelas professoras da sala, professoras supervisoras e colegas de estágio, permite-nos ter uma maior perceção daquilo que correu bem e menos bem durante a aula que demos.

Segundo Weikart et al (1992, p.144), “Com a ajuda dos elementos da equipa e das linhas de orientação curriculares, este adulto pode, no entanto, centrar-se no que correu bem, em vez que considerar a frustração imediata, e programar formas de evitar ou fazer face a tais contratemplos no futuro”.

Por ser uma aula surpresa e, por isso, não ter tido oportunidade de planear a aula, fez com que estivesse um pouco nervosa relativamente à mesma. O conhecer o tema que irei abordar e ter apenas uns segundos para organizar e estruturar o pensamento de maneira a construir uma aula com lógica, fez com que estivesse um pouco tensa. No entanto, senti-me confiante pois dominava os conteúdos que me foram solicitados. Gostei da experiência, e até posso dizer que fiquei surpresa (leia-se surpreendida) comigo mesma.

15.11.2010

Para iniciar mais uma manhã de aulas, a professora da sala organizou três grupos de trabalho. Um dos grupos ficou encarregue de escolher a melhor visita de estudo que fizeram desde o início do ano letivo e redigir um pequeno texto sobre esta, outro grupo faria o resumo de um capítulo do livro “As bruxas” e, o terceiro grupo ficou responsável por redigir um texto sobre a turma. Antes de começarem a trabalhar, a professora atribuiu a cada aluno uma tarefa. Cada um ficou responsável por algo ao longo do trabalho. Cada grupo tinha um chefe de PC (responsável por passar o trabalho a computador), um chefe de material, um chefe de comportamento, um chefe de ilustração, um chefe de ditado e um chefe de dúvidas. Esta atividade durou até às 13h.

Inferência

O facto de cada elemento do grupo ficar responsável por uma tarefa, permite que todos participem na atividade. Desta forma, cada elemento é obrigado a organizar-se e a estruturar o seu pensamento e o seu trabalho, de forma a satisfazer-se a si próprio, o professor e os restantes elementos do grupo.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989, p.439), entende-se por estratégia de ensino “um conjunto de acções do professor orientadas para alcançar determinados objectivos de aprendizagem que se têm em vista. O termo «estratégia» implica um plano de acção para conduzir o ensino em direcção a objectivos fixados, traduzindo-se tal plano num determinado modo de se servir de métodos e meios para atingir esses resultados”.

Assim, cabe ao professor, recorrer a estratégias que direcionem a tarefa de acordo com o aluno e a turma em questão.

16.11.2010

A aula teve início com a correção do trabalho de casa que consistia em colocar a pontuação num texto sem esta.

A certa altura, e uma vez que os alunos estavam bastante agitados, a professora teve de parar a aula para relembrar as regras de comportamento em sala de aula.

De seguida, e minutos antes de irem ao recreio da manhã, a professora iniciou a aula da Matemática onde recorreu ao material Tangran para realizar várias construções. Este trabalho estendeu-se até à hora do almoço.

Inferências

É natural que, sendo crianças, não seja possível estarem durante 90 minutos concentrados a realizar a mesma tarefa e utilizando o mesmo canal sensorial. Ainda para mais, as crianças são diferentes umas das outras, tendo ritmos de trabalho diferentes, tendo dificuldades e facilidades diferentes umas das outras.

Segundo Marques (2001, p.34):

“A disciplina depende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula e de uma adequada gestão do tempo (...). Nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala, coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral”.

Desta forma, é essencial que o estabelecer regras seja um procedimento que tem de ser realizado para cada situação concreta, e para cada turma em especial.

O modo como a professora em questão implica os alunos nas tarefas de aprendizagem e o cuidado que dedica à criação e manutenção de regras são duas dimensões continuadas e que pude observar.

19.11.2010

Hoje os alunos passaram a manhã inteira a ensaiar para a festa de Natal. Foi conhecido o tema da festa, Os Descobrimentos, e foram distribuídos os papéis que cada um irá desempenhar. Conheceram também as músicas que terão de preparar.

Inferências

Toda a dinâmica que envolve a preparação para a Festa de Natal, principalmente o ensaiar as canções e coreografias, revela nas crianças um sentimento de alegria e satisfação. É muitas vezes através da música que muitas crianças tímidas e acanhadas se expressam, interpretando as canções de acordo aquilo que estão a sentir. A música poderá ser também um elemento motivador para as restantes áreas curriculares pois, segundo Atalaya, citado por Sousa (2000, p.62):

“A prática, ainda que muito elementar da música, mesmo sem objectivos profissionais, aumenta na criança, como foi demonstrado em estudos da UNESCO, o poder de concentração, de observação, a capacidade de se autodisciplinar e desenvolver, sem constrangimento e com alegria o seu sentido de autocrítica”.

Desta forma, poder-se-á concluir que é possível motivar e sensibilizar as crianças para a aprendizagem da música e até mesmo conseguir despertar caminhos de vida profissional no mundo musical.

22.11.2010

Hoje a professora iniciou a aula procedendo à avaliação de tabuada.

De seguida, e até à hora do almoço, os alunos estiveram a ensaiar para a festa de Natal.

Inferências

A avaliação poderá ser encarada como uma operação que prepara e acompanha o processo de ensino-aprendizagem e que permite o seu aperfeiçoamento, pretendendo conduzir os alunos a um sucesso pleno de estudos. Assim, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989, p.337): “A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam maiores dificuldades”.

Nesta turma, a avaliação da tabuada é feita uma vez por semana sem dia pré definido.

23.11.2010

Hoje houve aula programada dada pelo meu par de estágio. A minha colega começou por entregar às crianças um excerto de uma notícia da época dos descobrimentos. A partir daí abordou todos os conceitos referentes a esta: o que é uma notícia? Quais as suas características?

De seguida, e já na aula de História de Portugal, abordou o tema dos descobrimentos, mais precisamente de como era a vida dos homens que estavam embarcados, recorrendo a um PowerPoint.

Por fim, e para iniciar o tema da aula de Matemática, pediu a três alunas que se dirigissem ao quadro e lessem, para os restantes alunos, um enigma que teriam de decifrar para descobrirem o resultado de uma equação. O tema desta aula foi as expressões numéricas.

Terminada a aula, dirigimo-nos à biblioteca onde tivemos uma reunião com as professoras da equipa de supervisão, professoras cooperantes e estagiárias, onde ouvimos os pareceres relativos às aulas que foram dadas hoje.

Inferências

Mais uma vez, o parecer da equipa da supervisão pedagógica tem um papel fulcral no desempenho que nós, futuros professores, vamos desenvolvendo ao longo de todo o estágio.

Segundo Alarcão e Tavares (2003, 149):

“Compete aos supervisores, se quiserem ser líderes de comunidades aprendentes, fazer a leitura dos percursos de vida institucionais, provocar a discussão, o confronto e a negociação de ideias, fomentar e rentabilizar a reflexão e a aprendizagem colaborativas, ajudar a organizar o pensamento e a acção do colectivo das pessoas individuais”.

Iniciar uma atividade profissional constitui uma etapa marcante e decisiva na vida de qualquer pessoa e, para que tudo corra de forma favorável no futuro, tanto para o professor como para os alunos, é importante, durante a formação, termos o apoio da equipa da supervisão pedagógica.

26.11.2010

Hoje os alunos estiveram a realizar a Prova Mensal de Língua Portuguesa até ao intervalo da manhã.

Quando regressaram, as duas turmas do 4.º ano juntaram-se para ensaiar as canções que irão apresentar na Festa de Natal.

Inferências

A prova mensal de Língua Portuguesa consiste num teste escrito que visa avaliar aquilo que os alunos aferiram sobre os conteúdos abordados nesta área temática. Durante 90 minutos, as crianças respondem às questões colocadas pela professora para que esta possa, no final, avaliar cada aluno individualmente e a turma no geral.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989, p.359), “A avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado”.

A avaliação sumativa é assim utilizada, habitualmente, no final de um segmento de ensino já longo, ou seja, com uma extensão que justifique o balanço global que se pretende realizar.

29.11.2010

Hoje a manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio.

A aula teve início com a abordagem dos conteúdos sobre medidas agrárias. Começou por fazer a representação, no quadro, das unidades de área e a sua correspondência para as unidades de medidas agrárias. De seguida, entregou a cada aluno uma ficha de exercícios, onde aplicaram o que aprenderam.

Na aula de Língua Portuguesa, utilizou um Powerpoint para apresentar os pronomes definidos e indefinidos.

Por fim, trabalhou os Rios de Portugal na aula de Estudo do Meio. Para explorar este tema, recorreu novamente a um PowerPoint onde referiu cada um dos rios mais importantes que passam em Portugal, falando ainda dos conceitos de nascente e foz.

Inferências

Mais uma vez, as TIC tiveram um papel cada vez mais ativo no dia-a-dia escolar das crianças. Desta forma, ao terem contacto com este tipo de recursos, fugindo um pouco do quadro de giz, as crianças mostram-se mais motivadas e interessadas relativamente à aula. Para Silveira-Botelho (2009, p.126): “A introdução das TIC tem como finalidade educativa contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos”, contribuindo assim para o sucesso.

1.2. 2.ª Secção – Estágio no 1.º Ano B – Bibe Castanho

O estágio no 1.º Ano B foi realizado entre os dias 29.11.2011 e 11.02.2011, com a professora cooperante Paula Toscano.

1.2.1. Caracterização da Turma

A turma do 1.º Ano B é constituída por 28 alunos, 15 elementos do sexo feminino e 13 elementos do sexo masculino.

Segundo informações retiradas de um documento fornecido pela professora titular, os alunos são oriundos de famílias equilibradas, quer familiar, quer financeiramente. O seu nível sócioeconómico caracteriza-se, maioritariamente, entre o

nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão.

Em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e apoiada pelos familiares que se interessam pelo desempenho escolar dos seus filhos.

A maioria das crianças tem pelo menos um irmão, havendo apenas 3 alunos que não têm irmãos. Dos vinte e cinco alunos que têm irmãos, apenas nove têm um quarto só para si, uma vez que os restantes partilham o mesmo quarto com os irmãos.

Decorrente da análise da turma, ao nível das competências essenciais da Língua Portuguesa, as principais dificuldades centram-se na leitura e escrita de pequenas frases e textos bem como a sua interpretação. No entanto, há 8 alunos que o conseguem fazer corretamente e sem ajuda. Há 5 crianças que lêem de forma silábica, sendo que no total 13 crianças já lêem, 14 estão a rever as lições da Cartilha Maternal e 1 está a iniciar o processo de aprendizagem da leitura e escrita. A maioria da turma não aplica os sinais de pontuação no final da frase bem como o uso de maiúsculas no início desta e também não utilizam corretamente os sinais gráficos de acentuação. No entanto, a maioria dos alunos consegue relacionar a letra de imprensa com a manuscrita.

Relativamente à área curricular de Matemática, a turma revela dificuldade nas operações (adição e subtração), bem como no cálculo mental. De um modo geral, identificam as ordens dos algarismos até às centenas de unidades, as cores e as ordens no material Calculadores Multibásicos. Com o material Cuisenaire, conseguem fazer corresponder as cores das peças ao seu valor, no entanto nem sempre conseguem fazer composição e decomposição de números.

Após uma análise global da prestação dos alunos em sala de aula, pôde-se constatar que a turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A maioria dos alunos consegue manter a concentração da atenção, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

Há apenas cinco crianças que merecem uma atenção especial, uma vez que não são autónomas na realização dos trabalhos. Uma destas está a ter apoio pedagógico acrescido, uma vez que só este ano iniciou o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, apresentando também muitas dificuldades ao nível da matemática.

1.2.2. Caracterização do espaço



Figura 4 – Sala do 1.º Ano B

A sala do 1.º Ano B, figura 4, está situada no rés-do-chão, perto do salão e da cantina, o que faz com que, por vezes, os alunos não se consigam abstrair do que se passa lá fora.

As mesas e cadeiras dos alunos são feitas de madeira, assim como o armário da sala, a mesa e a cadeira da professora.

As paredes estão ocupadas por placardes onde são colocados os trabalhos das crianças.

1.2.3. Horário

No horário do 1.º Ano B estão contempladas as seguintes áreas curriculares e não curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, ACND, Expressão Artística, Educação Física, Inglês, Educação Musical, Assembleia de Turma, Hora do Conto e Biblioteca/Informática.

De seguida, apresento no quadro 4, o horário integral da turma, cedido, gentilmente, pela professora da sala, e que faz parte do Projeto Curricular de Turma.

Quadro 4 – Horário do 1.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.00					Matemática
12.00 – 13.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Musical
13.50 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Hora do Conto	ACND	Estudo do Meio	Inglês	Educação Física
15.20 – 16.10			ACND		Estudo do Meio
16.10 – 17.00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Biblioteca/Informática	Expressão Artística	Assembleia de Turma
					ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída



Aulas observadas durante o período de estágio

1.2.4. Relatos diários

30.11.2010

Hoje, as crianças estiveram a realizar a Prova Mensal de Estudo do Meio até ao intervalo da manhã. Enquanto isso, estive a elaborar as decorações de Natal para a Festa do dia 16 de Dezembro.

Depois do recreio, as crianças regressaram à sala e a professora iniciou a leitura de um texto do manual. De seguida, entregou uma folha de papel a cada aluno e pediu-lhes que fizessem a cópia do texto que tinham acabado de ler.

Inferências

O manual é muitas vezes utilizado pelo professor de forma exagerada, fugindo ao principal objetivo que este representa, o de ser apenas um elemento auxiliar em sala de aula. Segundo Reis e Adragão (1992, p.166): “O manual escolar, sendo um dos principais instrumentos de trabalho na aula de Português, tem conduzido, com frequência, a uma completa submissão de toda a actividade docente aos conteúdos por ele veiculados, substituindo uma programação cuidada do professor face aos alunos que tem perante si”.

Ao invés do manual funcionar como um recurso que o aluno consulta para tirar dúvidas ou para estudar, este é muitas vezes utilizado, erradamente, quando o professor deixa de comunicar por si com os seus alunos e se restringe apenas a lê-lo.

03.12.2010

Hoje estive a assistir a uma aula programada no 3.º Ano B, dada por uma aluna do Mestrado.

A estagiária iniciou a aula de História de Portugal, abordando o tema “Os Lusitanos”. Esta aula foi dada, na sua totalidade, de forma oral, sem recurso a quaisquer materiais.

De seguida, e pegando numa personagem da aula anterior, Viriato, falou sobre os retratos físico e psicológico.

Por fim, deu a aula de Matemática que teve como tema a multiplicação por dez, cem e mil e a divisão por uma décima, uma centésima e uma milésima. Quando terminou, entregou a cada aluno uma ficha com uma situação problemática sobre a matéria dada.

Inferências

Durante a aula de História de Portugal, a estagiária não utilizou qualquer tipo de material, tendo tornado a aula bastante expositiva. Seria importante a estagiária ter recorrido a imagens e até mesmo a um mapa, para que as crianças pudessem ter outra perceção dos conteúdos que lhes estavam a ser transmitidos.

O mesmo se refere à aula de Língua Portuguesa em que poderia ter utilizado palavras móveis que seriam colocadas pelos alunos nos locais corretos. Assim, para além de todas as crianças participarem na aula, cada uma delas teria de pensar se a “sua” palavra faria parte da caracterização física ou psicológica.

Também na área da Matemática poderia ter recorrido aos materiais manipuláveis pois a sua utilização facilita a aprendizagem por parte dos alunos.

Caldeira (2009, p.15) afirma que: “O material manipulativo, através de diferentes atividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (...) O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objetos e “extrair” princípios matemáticos.”

Desta forma, a estagiária poderia, por exemplo, ter utilizado tabletes de chocolate e construído uma situação problemática em que os alunos tivessem de identificar qual a parte correspondente a uma décima, a uma centésima e a uma milésima da unidade, utilizando, também, algarismos móveis para fazerem a representação matemática.

06.12.2010

Hoje, da parte da manhã, os alunos estiveram a realizar um exercício de Matemática onde tinham que utilizar gráficos de barras. Enquanto isso, estive a elaborar decorações de Natal.

Quando regressaram do recreio da manhã, estiveram a realizar um ditado de lateralidade e, logo que terminaram, dirigiram-se para o ginásio para mais um ensaio para a festa de Natal.

Inferências

Nesta idade, exercícios como os ditados de lateralidade são bastante importantes pois ajudam a criança a identificar corretamente as noções de “esquerda”, “direita”, “cima” e “baixo”. Deste modo, e segundo o Ministério da Educação (2004, p.82):

“sabe situar-se e exprime a sua posição no espaço, em relação aos outros e aos objectos, seleccionando e utilizando pontos de referência e utilizando vocabulário adequado (à esquerda, à direita, em cima, em baixo, à frente, entre, dentro, fora, antes depois). Representa e compara diferentes itinerários ligando os mesmos dois pontos (extremos).”

O exercício de trabalhar o direita - esquerda, frente - trás, permite ao aluno uma orientação espacial que, desde cedo, tem de ser trabalhada para que mais tarde este consiga realizar outros exercícios matemáticos mais complexos bem como saber orientar-se em situações do seu dia-a-dia.

07.12.2010

Hoje, até ao recreio da manhã, as crianças estiveram a resolver algumas operações de soma e multiplicação.

Quando regressaram, abriram o livro de leitura na página que a professora pediu e realizaram uma cópia.

Das 12h 30m às 13h, os alunos estiveram a ensaiar as canções para a Festa de Natal.

Inferências

Saber escrever é, segundo vários autores, ser capaz de produzir um texto que não se reduza a uma série de frases sem um elo de ligação entre si mas que reflita um pensamento estruturado. Não interessa copiar só por copiar, interessa sim, ler e interpretar aquilo que se escreve. O facto de a leitura e a escrita implicarem posições diferenciadas, não as podemos dissociar.

10.12.2010

Hoje, da parte da manhã e até à hora do recreio, as crianças estiveram a realizar uma composição com base em três imagens dadas pela professora. Essas imagens tinham a ver com a época natalícia: um boneco de neve, uma lareira e uma árvore de natal. A composição teria de ter, obrigatoriamente, três parágrafos e cada uma das imagens teria de integrar um parágrafo.

Após o recreio, as crianças, acompanhadas pela professora, dirigiram-se ao ginásio do Jardim-Escola para, mais uma vez, ensaiaram para a Festa de Natal.

13.12.2010

Hoje as crianças passaram o primeiro tempo da manhã no ginásio a ensaiar as músicas e coreografias para apresentarem na Festa de Natal. Enquanto isso, estive, mais uma vez, a elaborar e a preparar as decorações para a festa.

Já no segundo tempo da manhã, o grupo regressou à sala de aula onde estive a organizar os dossiês e a preencher uma ficha de auto-avaliação. Esta consistia no seguinte: cada criança teria de colocar uma cruz (X) no retângulo que achasse mais pertinente e adequado ao desempenho que teve ao longo de todo o 1.º período letivo relativamente às áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Expressão

Plástica, Educação Física e Educação Musical. A avaliação era qualitativa e variava de Insuficiente a Bom.

Inferências

Sendo a avaliação um elemento fundamental na prática educativa, é importante que o professor permita aos seus alunos desempenharem a função de “avaliadores” de si próprios. Desta forma, ao terem a capacidade de avaliarem o seu desempenho relativamente aquilo que executam, as crianças adquirem conhecimentos que lhe vão ser úteis no seu dia-a-dia.

Segundo Brown et al (2000, p.135): “Se formos capazes de ajudar os nossos alunos a desenvolverem as capacidades necessárias para se auto – avaliarem, de modo a poderem julgar a eficiência do seu próprio desempenho, estaremos a muni-los com os tipos de capacidades que vão ajudá-los à aquisição de conhecimentos ao longo das suas vidas”.

Cabe ao professor inculcar aos seus alunos desde cedo a noção de avaliação, o porquê de se avaliar e o que é que se avalia. É importante que a criança reflita sobre aquilo que faz, tanto em sala de aula como no seu dia-a-dia enquanto cidadão e perceba que todas as suas atitudes e comportamentos deverão ser avaliados por si diariamente, através da reflexão.

14.12.2010

Hoje, as crianças passaram a manhã inteira no ginásio do Jardim-Escola a ensaiar as músicas e as coreografias que irão apresentar na Festa de Natal.

Inferências

Ao assistir aos ensaios para a Festa de Natal, pude aperceber-me de que as crianças demonstram sempre uma grande motivação e satisfação ao ensaiarem as

canções. Até mesmo as crianças mais tímidas se deixam “conduzir” pela música e não resistem a cantar e a movimentar-se ao som desta.

Segundo Hohmann e Weikart (2004, p.658): “(...) a música é um importante aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som.”

É, muitas vezes, através da música que as crianças exteriorizam aquilo que realmente são e sentem pois transmitem emoções que doutra forma ficariam recalçadas.

Desta forma, a música poderá ser encarada como um instrumento desinibidor e até mesmo um facilitador do desenvolvimento da linguagem.

17.12.2010

Hoje foi o tão esperado dia da Festa de Natal.

Durante a parte da manhã, atuaram os bibes amarelo, encarnado e azul.

O ginásio da Escola Superior de Educação João de Deus, espaço onde se realizou a festa, estava completamente cheio de familiares das crianças. À medida que cada bibe terminava a sua atuação, as crianças dirigiam-se à respetiva sala, no Jardim-Escola, acompanhados da professora. Aí, os familiares de cada criança tinham a possibilidade de falarem com a professora e de verem os trabalhos realizados pelas suas crianças.

Inferências

A participação dos pais em atividades escolares é bastante importante nestas idades pois segundo Reis (2008, p. 62) “(...) a escola faz parte do quotidiano familiar de cada criança. Cada família vive a escola com diferentes graus de interesse, envolvimento e expectativas”.

É importante que as crianças sintam que os pais se interessam e se envolvem na vida escolar e que mostram vontade e desejo de participar nas atividades escolares. Desta forma, Brandão, citado por Reis (2008, p.76):

“define envolvimento como um leque de interações entre a escola e a família desde a simples participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escola, em colaboração com os professores”.

Conclui-se, desta forma, que tarefas e atividades como as Festas de Natal, reuniões de pais, Dias dos pais, entre outras, ajudam ao desenvolvimento da criança, uma vez que ao interagir com estes dois sistemas (pais/escola), pode melhorar o seu aproveitamento escolar, a auto-estima, atitudes positivas face à aprendizagem, entre outras características de sucesso.

03.01.2011

Hoje, até ao intervalo da manhã, a professora esteve a relembrar à turma, os quatro valores da letra “X”, da Cartilha Maternal.

Depois, foi chamando grupos de três alunos à Cartilha para verificar se estes sabiam identificar os quatros valores da letra e lê-los, corretamente, de acordo com as regras.

Quando regressaram do recreio, a professora iniciou a aula na área da Matemática com a introdução à divisão e as crianças estiveram a resolver situações problemáticas utilizando o material Calculadores Multibásicos.

Inferências

A Cartilha Maternal é uma obra, criada por João de Deus, que permite à criança familiarizar-se com as letras e os seus valores fonéticos. Esta é um suporte de apoio ao Método de Leitura João de Deus e, para se fazer um bom uso da Cartilha, é necessário compreender bem o Método.

Segundo Ruivo (2009, p.100), o Método João de Deus:

“constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens”.

A leitura pela Cartilha é feita individualmente ou em pequenos grupos, sendo realizada diariamente e orientada pela professora da sala.

04.01.2011

Hoje as crianças estiveram, durante toda a manhã, a realizar uma cópia. Antes de iniciarem o trabalho, a professora pediu que abrissem os livros de leitura numa determinada página e, em voz alta, leu o primeiro parágrafo do texto. Depois, pediu a alguns alunos que o lessem. À medida que iam terminando a cópia, dedicavam-se à conclusão dos trabalhos que tinham em atraso.

Inferências

Uma vez que no 1.º ano do Ensino Básico, as crianças ainda não estão totalmente familiarizadas com os manuais, é essencial que o professor auxilie a leitura fazendo-o em voz alta. Esta técnica deveria, na minha opinião, ser trabalhada ao longo do curso de formação de professores para que estes, ao chegarem ao mundo do trabalho, conseguissem transmitir às suas crianças o gosto pela leitura, pelo contar histórias, pelo dramatizar.

De acordo com Jean (1999, p.122), é importante apostar numa “verdadeira e boa formação dos futuros professores, incluindo treinos nas diferentes formas de expressão oral e, em particular, na arte de contar e na arte de ler em voz alta”.

É importante criar implicitamente momentos de contos ou de leitura, momentos em que a criança ouve a língua materna correta.

07.01.2011

Hoje o meu par de estágio teve uma aula surpresa. Foi-lhe pedido, por parte da professora orientadora, que fizesse a leitura modelo do primeiro parágrafo de um texto do manual.

De seguida, pediu a três crianças que lessem esse mesmo parágrafo e, posteriormente, escreveu, no quadro, uma frase com erros ortográficos para que as crianças os identificassem e corrigissem.

No final, dirigiu-se à Cartilha Maternal e fez a revisão da letra [m].

Quando a aula terminou, dirigimo-nos à sala do 4.º Ano B onde estivemos reunidas com as professoras orientadoras e cooperantes e com as restantes estagiárias para ouvir os pareceres destas em relação às aulas lecionadas hoje.

10.01.2011

Hoje dei a minha primeira manhã de aulas no 1.º ano.

Iniciei a aula de Matemática, onde o conceito abordado foi a noção de dobro. Depois de ter entregado a cada criança um saquinho com material manipulável feito por mim, entreguei também uma caixinha a cada dois alunos, com algarismos móveis. À medida que ia ditando situações problemáticas em que tinham de calcular o dobro, as crianças iam utilizando o material e representavam o algoritmo através dos algarismos móveis.

Ainda antes do recreio da manhã, iniciei a aula de Língua Portuguesa. Aqui, abordei os nomes próprios e os nomes comuns. Utilizei uma tabela constituída por duas colunas e palavras móveis (nomes próprios e comuns), em que cada aluno iria retirar uma palavra e colocá-la na coluna correta.

Após o recreio, regressámos à sala onde terminei a aula de Língua Portuguesa e iniciei a aula de Estudo do Meio. Abordei o habitat das plantas aéreas, terrestres e aquáticas.

No final realizei a experiência da germinação do feijão com os alunos. Depois de ter formado grupos de quatro elementos, entreguei a cada um, um frasco de vidro, um feijão, um bocado de algodão e um conta-gotas com água. Expliquei em que consistia a experiência e cada grupo realizou-a sob a minha orientação. No final da experiência, construímos um histograma para verificação do crescimento do caule ao longo de 16 dias.

Inferências

A experiência que realizei tinha como objetivo principal que os alunos compreendessem, observando, que a germinação de uma semente dá origem a uma nova planta. Verificámos que, ao fim de 15 dias, 5 dos 7 frascos que continham o feijão, tinham germinado significativamente e os outros dois tinham apodrecido. Segundo Martins et al (2007, p. 13):

“A observação da germinação de sementes e seu desenvolvimento torna-se, assim, indispensável, nestas idades, quer por permitir (re) organizar as suas ideias, no sentido de as ir tornando mais próximas de ideias científicas (noções de ser vivo, planta, germinação, crescimento, ciclo de vida, necessidade de água, luz, ...), quer por ajudar a estruturar a noção de tempo (observação de um fenómeno contínuo, que se desenvolve ao longo de vários dias, e que pode traduzir-se em modos de representação diversos, como desenhos, tabelas, ...)”.

Uma vez que estavam todos no mesmo ambiente, perto da janela, concluímos que o facto de dois dos feijões não se terem desenvolvido se deveu à exagerada colocação de água nos frascos.

11.01.2011

Hoje as crianças estiveram sob a responsabilidade da professora de apoio.

Antes da chegada desta, li um texto, do livro de leitura, à turma e pedi a alguns alunos que lessem em voz alta um excerto do texto.

Quando a professora de apoio chegou, os alunos realizaram uma cópia do texto que leram, tarefa que durou até à hora do almoço.

14.01.2011

Hoje a manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio.

O tema central da aula de Matemática foi a tabuada do dois. A minha colega recorreu a material manipulável não estruturado – palhinhas -, para formar os conjuntos.

Utilizou também uma pandeireta para que as crianças, ao ouvirem as batidas do

instrumento, retirassem o número de palhinhas correspondente ao número de batidas. De seguida, apelou ao cálculo mental, ditando várias situações problemáticas.

Na aula de Língua Portuguesa, o tema foi os nomes coletivos. Depois de os explicar, a minha colega entregou a cada criança uma ficha de trabalho onde tinham de escrever o nome coletivo que correspondia ao conjunto representado.

Inferências

O exercitar a tabuada é um exercício imprescindível nestas idades pois ajuda à memorização e ao desenvolvimento do autonomismo cerebral. Segundo Mialaret (1975, p.75): “o importante é pôr em evidência a estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações analógicas”.

A tabuada deve ser repetida por diversas vezes de modo a que a criança adquira um maior autonomismo. Desta forma, quando se vê perante uma operação de multiplicação ou divisão, a criança não fica “paralisada” pois consegue, facilmente chegar ao resultado.

17.01.2011

Hoje a aula teve início com uma breve conversa com os alunos sobre o que estes fizeram durante o fim-de-semana. De seguida, terminaram de realizar a ficha de Língua Portuguesa sobre os nomes coletivos que tinham iniciado na aula passada.

Ainda antes do recreio da manhã, estive a ler uma história à turma. De seguida, fizemos a interpretação oral da mesma.

No segundo tempo da manhã, os alunos iniciaram uma composição coletiva, orientada pela minha colega de estágio.

Inferências

A composição coletiva é um exercício que promove alguns valores como a socialização, o partilhar ideias, o respeito, a cooperação, que não devem ser esquecidos em sala de aula. Desta forma, este tipo de exercício deve ser realizado ao longo do ano letivo de forma a desenvolver estes mesmos valores.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987, p. 214), os comentários cruzados realizados em grupos “são essenciais para motivar os alunos a redigir; servem para mostrar-lhes as necessidades dos leitores ou ouvintes, e para ajudá-los a tomar decisões a fim de melhorar a composição”.

Também o enriquecimento do vocabulário e a linguagem escrita e oral são desenvolvidos através deste tipo de exercício, sendo este sempre orientado pela professora da sala, durante os primeiros anos escolares.

18.01.2011

Hoje, até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar uma ficha formativa sobre os nomes coletivos.

Quando regressaram do recreio, a professora deu uma aula na área da Matemática onde os alunos estiveram a fazer uma construção (Escadaria) com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. De seguida, a professora colocou algumas situações problemáticas, com base na construção anterior, recorrendo ao cálculo mental.

Inferências

O recurso a este material permite desenvolver algumas capacidades e destrezas como o equilíbrio, a motricidade fina, a orientação espacial, a concentração, e também desenvolver o cálculo mental. Segundo Caldeira (2009, p.220) o material didático “facilita o ensino, num determinado aspeto, é uma ajuda, um elemento auxiliar. A sua função é aproximar a realidade da criança fazendo-a mais próxima; é o mediador entre a criança e a realidade”.

Desta forma, a utilização deste tipo de material permite, à criança, fazer a passagem do concreto para o abstrato.

21.01.2011

Hoje a manhã de aulas foi dada por mim.

Iniciei a aula na área da Matemática com o tema a numeração romana até ao 50. Uma vez que os alunos já conheciam a numeração romana até ao 10, fiz uma breve revisão sobre os conteúdos já aprendidos anteriormente. De seguida, realizaram uma pequena ficha para consolidação do tema.

Ainda antes do recreio da manhã, iniciei a aula de Língua Portuguesa cujo tema foi os tipos de texto (prosa, poesia e banda desenhada). No final, apresentei-lhes um poema com espaços em branco que teriam de ser preenchidos com as palavras escritas num quadro ao lado.

Após o recreio, terminaram o poema e, de seguida, alguns trabalhos que tinham em atraso.

24.01.2011

Hoje o meu par de estágio iniciou a aula na área de Estudo de Meio com o tema “A idade das árvores”. Levou um Bonsai, onde falou das características desta árvore e contou a Lenda do mesmo. Para a finalizar, entregou a cada criança uma ficha informativa que leu em conjunto com as crianças.

Após o recreio da manhã, foi a minha vez de dar a aula. Escolhi falar sobre Gramíneas. Expliquei o que se entende por gramíneas, falei no processo de cultivo e apanha do milho e, de seguida, dei exemplos de alguns cereais apresentando imagens e grãos para que as crianças pudessem visualizar e manusear.

No final, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho que consistia em colar os grãos de trigo, cevada e centeio nas colunas corretas e, para terminar a aula, pedi a um dos alunos que fizesse um resumo do que tínhamos falado durante a mesma.

Inferências

Penso ser fundamental que o professor utilize com alguma regularidade esta técnica de comunicação, promovendo nos seus alunos a capacidade para se questionarem a si mesmos, no sentido de saber se perceberam aquilo que lhes foi transmitido. Segundo Vieira (2000, p.18): “Para o professor, o feedback proveniente dos seus alunos acaba por ser a informação de que necessita para ter a certeza se a sua comunicação é ou não eficaz”.

Conclui-se assim que a comunicação verbal é um elemento fundamental em comunicação, reforçando a ligação entre os diferentes interlocutores.

28.01.2011

Hoje a professora iniciou a aula fazendo avaliação da tabuada do dois e do três, enquanto esperava que chegassem mais crianças.

De seguida, leu a história da Formiga Rabiga, e entregou a cada aluno uma folha com imagens da história. Para cada imagem teriam de escrever uma frase.

Depois do recreio da manhã, as crianças estiveram a realizar uma construção (guitarra) com o 5.º Dom de Froebel.

Ainda antes do almoço tiveram aula de Música, onde o professor Paulo esteve a fazer avaliação de flauta.

Inferências

Como já foi referido atrás o 5.º Dom de Froebel é um material que permite que a criança adquira uma aprendizagem matemática passando do concreto para o abstrato. Segundo Rodríguez, citado por Caldeira (2009, p. 238): “A educação não é senão a via ou meio que conduz o Homem, ser inteligente, racional e consciente, a exercitar, desenvolver e manifestar os elementos de vida que possui em si mesmo”. A construção, quando feita a partir das vivências das crianças, torna a aprendizagem mais eficaz.

31.01.2011

Hoje a professora iniciou a aula questionando os alunos sobre o que fizeram durante o fim-de-semana. De seguida, e até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a fazer uma cópia do livro de leitura.

No segundo tempo da manhã, a professora deu início à aula na área da Matemática onde fez a avaliação da tabuada do 4. Posteriormente, ditou-lhes algumas situações problemáticas e estes, utilizando palhinhas e algarismos móveis iam-nas resolvendo no lugar.

Inferências

A comunicação oral é um tipo de comunicação que está inserida no Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo. É importante que o professor da sala desenvolva nos seus alunos este tipo de comunicação pedindo-lhes que relatem uma situação vivida de modo a desenvolver o vocabulário e a exercitar a memória. O falar sobre o quotidiano responde na perfeição a este tipo de exercício pois, segundo o Ministério da Educação (2004, p.142), o aluno deve “expressar-se por iniciativa própria: em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates)”.

04.02.2011

Hoje dei uma aula na área de Estudo do Meio sobre as estações e os meses do ano. Para explicar o porquê de existirem estações do ano, recorri a um globo terrestre e ao quadro de giz onde elaborei um esquema.

Para finalizar a aula, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho que continha uma sopa de letras, em que teriam de encontrar 7 nomes de meses do ano e escrever, ao lado, o nome dos restantes meses que faltavam. Na parte de trás da proposta, estavam representadas quatro imagens de cada uma das estações do ano, em que os alunos teriam de identificar cada uma delas, associar a respetiva palavra escrita e colorir.

07.02.2011

Hoje comecei o dia a ler um texto à turma. Texto esse, do livro de leitura, que as crianças acompanharam atentamente. De seguida, pedi a cada aluno, individualmente, que lesse um excerto do texto enquanto a minha colega fazia a avaliação da leitura. Quando todos terminaram, a professora entregou uma folha a cada um para que realizassem um ditado do primeiro parágrafo do texto.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a terminar os trabalhos que tinham em atraso.

Inferências

O ditado favorece bastante o desenvolvimento do vocabulário, proporciona uma prática estruturada da escrita de palavras e desenvolve também a capacidade de ouvir, de forma concentrada, o professor. De acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p.186), “o exercício de registar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintácticos da linguagem”.

Ao realizar ditados com os seus alunos, o professor deve ir aumentando progressivamente o grau de dificuldade de maneira a que estes assimilem, através da audição, as palavras, e consigam aprender a escrevê-las corretamente.

08.02.2011

Hoje, da parte da manhã, a aula foi dada por uma estagiária. O tema foi os sinónimos. Depois de juntar as mesas de forma a formar três grupos, apresentou-se às crianças e explicou o que eram palavras sinónimas. De seguida, colocou no quadro algumas palavras e entregou a cada aluno uma palavra. O jogo consistia em, à medida que a estagiária ia colocando no quadro as palavras, os alunos teriam de identificar se a palavra que tinham era sinónimo da palavra apresentada.

Por fim, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho com um exercício de palavras cruzadas em que, em cada coluna ou linha, teriam de escrever o sinónimo da palavra escrita ao lado.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver operações matemáticas.

11.02.2011

Hoje, as crianças estiveram a realizar uma cópia do manual durante toda a manhã. À medida que iam terminando o exercício, dedicavam-se a acabar os trabalhos que tinham em atraso.

1.3. 3ª Secção – Estágio no 2.º Ano B – Bibe Verde

O estágio no 2.º Ano B realizou-se no período entre 14.01.2011 e 15.04.2011, com a professora cooperante Vera Sena.

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º Ano B é constituída por vinte e cinco alunos, sendo treze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Uma das alunas já tem oito anos. Entrou uma criança nova que não tinha frequentado nenhum Jardim-Escola em anos anteriores. Dois dos alunos faltam bastantes vezes à escola.

Segundo informações fornecidas pela professora responsável, em termos sócioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na sua profissão.

Existem vinte famílias estruturadas, quatro famílias não estruturadas e uma reestruturada.

Em termos culturais, é uma turma interessada pelo ambiente que a rodeia. São faladores, ainda que trabalhadores. Em termos gerais é uma turma homogénea, realizando as tarefas escolares que lhes são pedidas. Neste momento, dois alunos continuam a usufruir do apoio individualizado como no ano anterior.

A partir dos testes diagnósticos, foi possível tirar as seguintes conclusões. Na área da Matemática, a turma apresentou maiores dificuldades na leitura de números por ordens e classes, na resolução de situações problemáticas e na realização do algoritmo da subtração por empréstimo, na multiplicação e na divisão. Alguns apresentam dificuldades na numeração romana e nas unidades de tempo.

Na área da Língua Portuguesa, a turma ainda comete muitos erros ortográficos e apresenta dificuldades na produção de textos escritos.

O facto de ser uma turma muito homogénea, a nível de rendimentos e aproveitamento escolar, faz com que a maior parte das vezes as tarefas propostas para o dia sejam executadas, pela maioria dos alunos.

1.3.2. Caracterização do espaço



Figura 5 – Sala do 2º Ano B

A sala do 2.º Ano B está situada no 1.º andar do edifício. Conforme se pode observar na figura 5, esta é uma sala ampla e acolhedora. Tem 2 janelas voltadas para o

recreio do pré-escolar que deixam entrar a luz solar, não sendo necessário acender as luzes durante o dia.

Três das paredes da sala estão ocupadas com placardes onde estão afixados os trabalhos realizados pelos alunos e a outra está ocupada com o quadro de giz.

As mesas estão dispostas de maneira a que o ambiente seja acolhedor e permita um ambiente harmonioso pois os alunos podem interagir entre si quer através da observação quer da maior proximidade criada com esta disposição. Por vezes, esta disposição da sala também permite alguma conversa entre eles, o que por vezes pode prejudicar a lecionação da aula, principalmente quando são os estagiários responsáveis pelas aulas.


1.3.3. Horário

No horário do 2.º Ano B estão contempladas as seguintes áreas curriculares e não curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, ACND, Expressão Artística, Educação Física, Inglês, Educação Musical, Assembleia de Turma, Hora do Conto e Biblioteca/Informática.

De seguida, apresento no quadro 5, o horário integral da turma, cedido, gentilmente, pela professora da sala, e que faz parte do Projeto Curricular de Turma.

Quadro 5 – Horário do 2.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
15.20 – 16.10	ACND				Educação Musical
16.10 – 17.00	Hora do Conto	ACND	Expressão Artística	Biblioteca/Informática	Educação Física
17.00	Lanche	Lanche		Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.3.4. Relatos diários

14.02.2011

Hoje, os alunos estiveram a realizar a Prova Mensal de Matemática até ao recreio da manhã.

Quando regressaram, estiveram a elaborar uma ficha formativa de Língua Portuguesa sobre análise morfológica e sintática.

Inferências

As fichas e os testes formativos são mais um instrumento de avaliação que permitem ao professor ter uma perceção continua daquilo que os seus alunos sabem. A estrutura deste tipo de testes é semelhante à dos testes diagnósticos sendo elaborados, especificamente, para uma dada unidade de ensino e pretendem averiguar, exatamente, onde é que o aluno está a ter mais dificuldades.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.349): “Um teste formativo incide sobre um núcleo restrito de objectivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em extensão”.

Assim, os testes formativos são aplicados, habitualmente, com intervalos de tempo muito mais regulares do que os de tipo sumativo.

15.02.2011

Hoje, a professora iniciou a aula colocando, aos alunos, algumas questões de cálculo mental.

De seguida, e até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar operações de divisão e multiplicação. À medida que iam terminando, concluíam os trabalhos que tinham em atraso.

No segundo tempo da manhã, os alunos estiveram a fazer a leitura de um texto e interpretação escrita do mesmo.

Inferências

A estimulação ao cálculo mental é um trabalho que, segundo vários autores, deve ser diário e, para isso, o professor deverá ajudar os alunos a desenvolverem estratégias que lhes permitam organizar o pensamento de forma a chegar à resposta de forma rápida e lógica. De acordo com Ponte e Serrazina (2000, p.155): “No dia-a-dia, a maioria dos cálculos que fazemos são mentais. Nem sempre se pode usar papel e lápis, nem é necessário”.

Este tipo de exercício mental deve ser praticado diariamente e desde tenra idade, de modo a desenvolver estruturas mentais essenciais para o quotidiano dos adultos que queremos formar.

18.02.2011

Hoje, os alunos iniciaram a manhã de aulas com a realização de uma ficha de Matemática em que tinham de resolver operações de multiplicação e divisão e respetivas provas. À medida que iam terminando, concluíam os trabalhos que tinham em atraso.

No segundo tempo da manhã, a professora leu um texto à turma e, de seguida, realizaram uma pequena ficha de interpretação do mesmo.

07.03.2011

Hoje a professora iniciou a aula fazendo a leitura do texto “O Joca quer ser”, de António Torrado. De seguida, colocou aos alunos algumas perguntas de interpretação sobre o mesmo e, posteriormente, escreveu no quadro o sumário deste dia.

Depois, entregou a cada aluno uma ficha de matemática sobre sólidos geométricos.

No segundo tempo da manhã, os alunos terminaram a ficha e arrumaram alguns trabalhos que tinham em atraso.

Inferências

O tempo dedicado à leitura deve ser atrativo tanto para as crianças como para o professor. Este último deve transmitir o gosto pela leitura de modo a desenvolver nos alunos a imaginação, a atenção, a memória e a reflexão. Assim, a hora do conto deve ser um dos momentos privilegiados do dia pois, de acordo com Gomes (2000, p.38), a “defesa da hora do conto na perspectiva de contador/leitor visa sensibilizar para a importância desta prática no desenvolvimento das competências da leitura”.

08.03.2011

Hoje os alunos passaram a manhã inteira a terminarem os trabalhos que tinham em atraso. À medida que os iam terminando, dirigiam-se ao “cantinho da leitura” e escolhiam um livro para ler até à hora do almoço.

14.03.2011

Hoje foi Dia dos pais no Jardim-Escola. Neste dia, os pais assistiram às aulas e às atividades dos seus filhos, participando nestas.

A professora, durante 10 minutos, colocou algumas questões de cálculo mental aos alunos. De seguida, entregou a cada aluno um texto cujo título era *A ilha amarela*. Depois de todas as crianças o terem lido, a professora fez a leitura modelo, e posteriormente, responderam oralmente e em conjunto a algumas perguntas de interpretação.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver quatro situações problemáticas relativas a um pictograma.

Inferências

O exercício da leitura é um ato linguístico que deve, cada vez mais, ser trabalhado em sala de aula, cabendo ao professor motivar os seus alunos para tal. Esta motivação poderá ser um desafio desde que o professor se predisponha a incutir o fascínio pela leitura.

Para Moreira (2004, p.142): “(...) os professores devem ter a oportunidade de experimentar estratégias e técnicas e de inventar personagens e enredos para esta sua história, motivando as suas crianças para a leitura”.

Ao apresentar um texto à turma o professor deverá ainda ter em consideração algumas características inerentes à aprendizagem como a compreensão, ou seja é necessário que o texto seja adequado à faixa etária em questão de modo a que os alunos consigam compreendê-lo. Desta forma, segundo Rebelo et al (2000, p.117): “A compreensão será facilitada se houver coincidência ou aproximação entre o vocabulário usado no texto e os conhecimentos do leitor neste domínio”.

Deste modo, a leitura deverá ser parte integrante do ensino-aprendizagem pois é, indiscutivelmente, uma tarefa diária em todas as áreas do conhecimento.

Mais uma vez, a participação dos Pais neste dia aberto a eles foi bastante significativa. Os pais ficam bastante admirados com a quantidade de assuntos e conteúdos que os seus filhos sabem e têm bem como a entender melhor o trabalho árduo e bonito do professor, pois muitas vezes referem: “Como é que você com tantos alunos consegue fazer coisas tão difíceis se eu só com um não consigo ter mão e fazer nada”.

15.03.2011

Hoje estive a ler uma história às crianças enquanto a professora estava reunida com a diretora da escola. Quando terminei, fizemos a interpretação do texto e revisão de alguns conteúdos gramaticais, através do jogo da forca.

Quando a professora chegou, entregou a cada aluno uma ficha com um texto e perguntas de interpretação e que estiveram a realizar até ao recreio da manhã.

Após o recreio, as crianças estiveram a realizar exercícios matemáticos em que tinham ler os números por classes e ordens.

Inferências

A importância que hoje em dia se atribui à gramática tem raízes na tradição do nosso sistema de ensino. Assim, de acordo com Reis e Adragão (1992, p.81): “a nível da gramática do texto, o aluno analisará processos de sequencialização, isto é, relações de causa, consequência, contraste, alternativa, etc. ”

18.03.2011

O dia de hoje teve início com a elaboração de uma ficha de matemática sobre sólidos geométricos. Para manter as crianças em silêncio e concentradas, a professora ligou o rádio e colocou o som num volume baixo.

Quando regressaram do recreio, estiveram a realizar um pequeno exercício escrito sobre tempos verbais. Este consistia em conjugar o verbo brincar em todos os tempos do modo indicativo.

Inferências

Pedir às crianças que conjuguem os verbos e identifiquem a conjugação é um exercício que deve ser realizado, estando integrado no Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo. Segundo o Ministério da Educação (2004, p.159): “é importante que o aluno consiga “Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares”.

22.03.2011

Hoje os alunos estiveram a realizar o teste de Matemática até à hora do recreio da manhã.

Quando regressaram, o meu par de estágio deu aula de Língua Portuguesa onde, em conjunto com os alunos, estiveram a elaborar uma composição coletiva. Esta consistia em criar uma história com base em imagens apresentadas pela minha colega estagiária.

25.03.2011

Hoje foi dia de aulas programadas e aulas surpresa no Jardim-Escola.

Às 9h 30m dirigi-me à sala do 4.º Ano B, onde a minha colega já tinha iniciado a aula de Língua Portuguesa. Os conteúdos abordados nesta área temática foram as onomatopeias e as palavras onomatopaicas. Começou por distribuir um texto a cada aluno e, à medida que o iam lendo, as crianças reproduziam as onomatopeias cujas palavras onomatopaicas eram referidas. Depois de dar outros exemplos de onomatopeias e relativas palavras onomatopaicas, a estagiária entregou a um aluno uma caixa e pediu-lhe que a agitasse. Perguntou, então, aos restantes alunos se conseguiam identificar, através do som que faziam ao chocar, os objetos contidos no recipiente.

De seguida, iniciou a aula de Matemática cujo tema abordado foi a área do triângulo. Recorreu ao quadro interativo para explicar os conteúdos e, no final, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho com uma situação problemática.

Por fim, realizou, em conjunto com os alunos, a experiência do balão com o bicarbonato de sódio.

Terminadas as aulas programadas e surpresa, as estagiárias reuniram-se com as professoras supervisoras e cooperantes para analisarem e refletirem sobre as aulas que foram dadas.

Inferências

Ouvir e refletir sobre o parecer dos professores de Prática Pedagógica são atos extremamente importantes na formação de futuros professores. É através da comunicação que estes últimos tomam consciência dos seus progressos e dificuldades relativamente às aprendizagens que vêm a desenvolver. Fernandes (2005, p.83): afirma

que durante a sua formação, os estagiários saibam “aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens”.

É importante que os alunos se sintam orientados e sejam avaliados em relação ao seu desempenho de forma a melhorarem a sua prestação e as suas aprendizagens.

28.03.2011

Hoje tive uma aula surpresa.

Às 9h 30m entrou na sala a professora Paula Colares Pereira que me pediu para dar uma aula na área de Matemática com o material Calculadores Multibásicos. Em 30 minutos teria de dar leitura de números até à classe dos milhões e uma situação problemática (uma soma ou subtração) com a respetiva prova dos nove.

Iniciei a aula perguntando a uma criança qual o nome do material que tinha à sua frente e como este era constituído. De seguida, lembrei as cores de cada peça relativamente à ordem que estas ocupam nas placas. Posteriormente, dei o número 322 e pedi às crianças que o representassem nas suas placas. Ao passar pelas mesas, reparei que duas ou três crianças tinham feito a representação de forma errada. Pedi, então, a uma delas que lesse a sua placa por ordens. Desta forma, a criança conseguiu perceber que tinha errado e corrigiu o erro.

Terminei a aula ditando uma situação problemática em que as crianças teriam de somar elementos, neste caso gomas, e realizar a prova dos nove para confirmar se a operação estava ou não correta.

Às 11h 15m dirigi-me ao ginásio, onde me reuni com a professora da equipa de Supervisão Pedagógica, a professora da sala e as estagiárias que assistiram à minha aula, de forma a conhecer os pontos positivos e os aspetos a melhorar, relativos à aula que dei.

Terminada a reunião, regressei à sala de aula onde iniciei a aula de Língua Portuguesa que tinha preparado para hoje. Durante esta aula, li o texto “A Formiga Rabiga”, procedi à interpretação do mesmo, em conjunto com as crianças, e, por fim,

realizámos uma atividade que consistia em ordenar e legendar oito imagens relativas à história. As imagens tinham um tamanho grande, o suficiente para que todas as crianças as pudessem visualizar e estavam expostas no quadro de forma desordenada.

Para finalizar a manhã, dei uma aula de Matemática sobre o euro. À medida que ia apresentando um PowerPoint, ia conversando com as crianças sobre o tema e percebendo o que elas sabiam ou não sobre este. Por fim, entreguei a cada um uma ficha informativa para consolidação da matéria.

Inferências

Optei por colocar no quadro imagens em tamanho grande o suficiente para que todas as crianças as pudessem visualizar. Segundo Spodek e Saracho (1998, p.335): “As fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante”.

Esta estratégia, na minha opinião, estimula discussões por parte das crianças e oferece-lhes informações que podem ser partilhadas entre todas.

29.03.2011

Hoje, as crianças estiveram a realizar a Prova de Estudo do Meio até ao recreio da manhã.

Quando regressaram, iniciei a aula de Estudo do Meio que tinha programado para hoje sobre os Meios de Comunicação Social. Recorri a um PowerPoint, onde comecei por contextualizar a aula, falando sobre os meios de comunicação que havia nos tempos da Pré-história e como estes evoluíram até aos dias de hoje. Para finalizar, entreguei a cada aluno uma ficha informativa sobre o tema e, em conjunto, fizemos a leitura da mesma.

Inferências

É muito importante que, nas aulas de Estudo do Meio, as crianças consigam visualizar o que lhes está a ser transmitido. Desta forma, recorri ao PowerPoint pois, de acordo com Garcia et al (2002, p. 300):

“(…) a simples presença de novas tecnologias na aula não asseguram um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como a função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade)”.

O uso de meios audiovisuais, por um lado, possibilita, em simultâneo, o uso da visão e da audição, o que permite à criança aprender mais facilmente e reter durante mais tempo o que se aprendeu e, por outro lado, permite ao professor diversificar as estratégias de ensino, fugindo um pouco ao manual.

30.03.2011

Hoje iniciei a minha manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. O tema foi as onomatopeias e as palavras onomatopaicas. Comecei por ler o texto “O Joca quer ser”, de António Torrado. Ao mesmo tempo que iam surgindo, no texto, palavras onomatopaicas, os alunos iam reproduzindo os sons correspondentes. De seguida, e depois de fazer interpretação do texto, realizaram uma pequena atividade que consistia no seguinte: cada aluno tinha, debaixo da sua mesa, uma folha de papel que continha uma onomatopeia ou uma palavra onomatopaica. O objetivo era conseguirem identificar o seu par. Por exemplo: Miar/ Miauuuuuuuu.

A área seguinte foi a Matemática. Nesta, estiveram a realizar três situações problemáticas com o euro.

Por fim, na área de Estudo do Meio, recorri a um PowerPoint, para abordar o tema: Os meios de transporte.

Inferências

Escolhi um texto de António Torrado para a aula de Língua Portuguesa por este ser considerado um dos autores com uma escrita de qualidade em que o sentido de humor encanta os leitores. Segundo Gomes (1997, p.39): “além do humor fino e do sentido crítico, sublinha-se neste autor a qualidade da prosa”.

Cabe ao professor oferecer aos seus alunos o gosto pela leitura. Assim, como refere Magalhães (2008, p.69): “por lidarem quotidianamente com crianças, os professores têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o acto de ler e erigir uma melhor sociedade leitora”. Desta forma, o autor António Torrado, considerado, segundo Magalhães (2008, p.71), como um dos “clássicos da literatura infantil portuguesa”, é sempre uma boa escolha no campo dos textos literários.

05.04.2011

Hoje fomos visitar o Planetário de Lisboa, juntamente com a turma do 2.º Ano A.

Antes de sairmos da escola, a professora lembrou às crianças algumas regras de comportamento que deviam ter durante a visita.

Quando lá chegámos, as duas turmas reuniram-se, em comboio, à porta do Planetário e, enquanto esperavam pela hora da visita, tiveram tempo de comer umas bolachas que as professoras e as estagiárias distribuíram.

Às 11h, as crianças, professoras e estagiárias entraram na sala e, até às 11h 30m, ouviram a explicação da guia e assistiram a uma projeção acerca das estrelas, constelações, planetas, fases da lua, movimentos de rotação e translação desta e do sol, entre outros temas relativos ao espaço.

Quando terminou a sessão, dirigimo-nos novamente ao autocarro e regressámos ao Jardim-Escola.

Inferências

A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos, pois constitui uma saída do espaço escolar e contém diversas potencialidades pedagógicas e formativas. A componente lúdica e criativa que envolve, assim como o convívio entre educador/professor e aluno, faz com que a visita de estudo seja encarada como uma saída agradável. Segundo Gomes, citado por Gaspar (1996, p.24):

“Fora dos muros da escola também se aprende. Na rua, em casa, no trabalho, no campo, na cidade, aí mesmo se pode desenvolver o espírito crítico, a responsabilidade, a curiosidade e a originalidade, além de se fomentarem novos modos de expressão e o amor pela comunidade onde cada um se insere...”

Podemos afirmar que na visita de estudo estabelece-se uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, facilita o desenvolvimento de algumas técnicas de trabalho e facilita a sociabilidade.

08.04.2011

Hoje estive a assistir a uma aula programada no 2.º Ano A.

A estagiária começou a aula na área de Estudo do Meio, onde falou sobre o jornal. Entregou vários jornais pela turma e, à medida que ia mostrando um PowerPoint sobre o tema, ia colocando algumas perguntas às crianças.

Logo que entregou os jornais, as crianças começaram a dispersar a atenção, “ignorando” por completo a informação que lhes estava a ser transmitida. A partir daí, não conseguiu manter a atenção por parte dos alunos, e logo se instalou o barulho na sala.

Depois, na área de Língua Portuguesa, falou sobre a estrutura do jornal. Entregou a cada criança um envelope que continha frases e uma folha de papel. No quadro, tinha exposto o mesmo material que as crianças mas em tamanho grande para que todas conseguissem visualizar. As frases que se encontravam dentro do envelope constituíam as várias partes da notícia: título, lead e corpo da notícia. O objetivo era as crianças colarem as frases nos respetivos lugares.

Seguiu-se a aula na área de Matemática mas, uma vez que tinha terminado o tempo, a professora supervisora saiu da sala e nós, estagiárias que estávamos a assistir, saímos também.

De seguida, dirigimo-nos à sala multiusos onde assistimos à reunião acerca das aulas que foram dadas hoje.

Inferências

É natural que, sendo crianças, não seja possível estarem durante 60 minutos concentradas a realizar a mesma tarefa e utilizando o mesmo canal sensorial. Ainda para mais, as crianças são diferentes umas das outras, tendo ritmos de trabalho diferentes, tendo dificuldades e facilidades distintas umas das outras.

Segundo Marques (2001, p.108): “Nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala, coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral”.

O facto de a estagiária ter entregado os jornais durante a explicação, fez com que as crianças centrassem a atenção no conteúdo dos jornais que tinham à sua frente. Poderia, eventualmente, ter deixado os alunos folhearem os jornais antes ou depois da aula, mas nunca durante a mesma.

Ainda segundo o mesmo autor, “A disciplina depende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula, e de uma adequada gestão do tempo”. (p.107)

Também a má gestão do tempo, fez com que a estagiária tivesse de acelerar a aula e, conseqüentemente, os alunos se apercebessem e “desligassem” dos conteúdos que lhes estavam a ser transmitidos e se distraíssem com outras coisas na sala.

11.04.2011

Uma vez que esta é uma semana de Roullemant, ou seja, só metade das professoras, uma por ano, é que trabalha, as crianças do 2.º Ano A e B ficaram a cargo da professora Vera.

Às 9h, as crianças estiveram a brincar no recreio até às 10h.

De seguida, acompanhados da professora e das estagiárias, dirigiram-se à sala de aula onde, uns estiveram a terminar trabalhos que tinham em atraso e outros entretinham-se a fazer desenhos.

Às 11h foram ao recreio, onde brincaram até às 13h.

Inferências

O recreio é, como referimos anteriormente ao abordarmos as rotinas, um espaço onde a criança socializa não só com o grupo como também com professores, educadores e estagiários. É no recreio que a criança tem a oportunidade de se libertar, de descontraír, de conhecer-se a si, aos outros e à natureza, o que lhe permite momentos de grande prazer e diversão. Cordeiro (2007, p.377) afirma que:

“o recreio é um espaço da maior importância. O recreio apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos”.

O facto de as crianças do 2.º Ano dividirem o mesmo espaço de brincadeiras com as crianças dos restantes anos do Ensino Básico, permite um maior desenvolvimento social entre os grupos.

12.04.2011

Hoje, às 9h, as crianças reuniram-se no recreio do Pré-escolar, onde estiveram a brincar até às 10h.

De seguida, dirigimo-nos à sala de aula onde estivemos a jogar ao “Jogo da Força”. Este consistia no seguinte: uma criança ia ao quadro, pensava num tema, comunicava-o à turma e, de seguida, pensava numa palavra relacionada com o tema que escolheu. Depois, colocava no quadro os traços correspondentes a cada letra da palavra e os colegas iam dizendo letras até adivinharem a palavra. Sempre que algum acertava, dirigia-se ao quadro e repetia o mesmo processo.

Às 11h, as crianças foram ao recreio, acompanhadas da professora da sala e das estagiárias, onde ficaram até às 13h. Durante o recreio, crianças e estagiárias estiveram a realizar várias actividades, entre as quais saltar à corda e jogar ao “Macaquinho do Chinês”.

Inferências

O Jogo tem um papel verdadeiramente importante no desenvolvimento da criança, tanto a nível motor como também a nível social. Segundo Jesus (2002, p.61):

“É através do Jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o Jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade”.

Assim, a partir de uma certa idade, o jogo constitui uma atividade séria, uma conduta por vezes fatigante, um comportamento que integra a personalidade total e uma tentativa permanente de conquista e de superação de si próprio.

15.04.2011

Às 9h, os alunos reuniram-se no recreio, juntamente com os professores, educadores e estagiárias, para iniciarem mais um dia de brincadeiras.

Por volta das 10h 20m, dirigimo-nos à biblioteca, onde ficámos até à hora do recreio da manhã. Durante este espaço de tempo, algumas crianças entretinham-se a ler histórias, em grupo ou individualmente, enquanto outras jogavam com a consola.

Às 11h, fomos para o recreio, onde ficámos até às 13h.

Inferências

O espaço da biblioteca é um local de grande importância nestas idades. É aqui que as crianças dão largas à imaginação ao folhearem um livro, observando as imagens e interpretando e estruturando a história na sua cabeça.

Toberosky e Colomer (2003, p.119) afirmam que: “observar detalhadamente os livros leva, com naturalidade, a criança a fixar a atenção nos detalhes e a formar uma interpretação global baseada na sua coerência”.

O facto de as crianças terem estado, apenas hoje, “livremente” entregues aos livros, fez com que pudessem escolher qualquer tipo de livro, ao contrário do que acontece quando a biblioteca é orientada por uma educadora de apoio, pois esta previamente seleciona uma história para ser contada/lida com determinados objetivos e muitas vezes de acordo com o programa curricular desse ano. Um dos principais objetivos é diversificar o tipo de textos e dar a conhecer vários autores.

1.4. 4ª Secção - Semana de estágio intensivo no 4.º Ano B – Bibe Azul-Escuro

A semana de estágio intensivo realizou-se no período entre 28.02.2011 a 04.03.2011, com a professora cooperante Rita Augusto. Em virtude de já ter estado a estagiar nesta sala com esta professora apenas relatarei o que aconteceu nesta semana de contacto com a realidade educativa intensiva. O horário realizado era das 9h às 17h nos cinco dias úteis.

28.02.2011

Até ao recreio da manhã os alunos estiveram a corrigir a Prova de Aferição de Matemática.

Quando regressaram, iniciaram a correção das composições que tinham feito como trabalho de casa. Esta foi feita da seguinte maneira: a professora elegeu 4 elementos da turma para serem júris. Cada aluno lia a sua composição à turma e cada membro do júri avaliava, quantitativamente, de 0 a 5, segundo vários parâmetros como a expressividade, dicção, pontuação, originalidade e criatividade. Depois, eram os restantes alunos a dar a sua opinião. Por fim, cabia à professora avaliar o trabalho e dar uma nota quantitativa.

Depois do recreio do almoço, os alunos tiveram aula de Expressão Plástica onde estiveram a elaborar o presente do Dia do Pai.

A última aula do dia foi a de Inglês, onde estiveram a fazer revisões para o teste.

Inferências

A aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso o Inglês, permite, segundo García et al (2001, p.302) permite uma “educação para uma cidadania mais responsável e participada”.

Trata-se de uma unidade extracurricular que desenvolve competências e fomenta o interesse pela aprendizagem de um outro idioma ao longo da vida. Num mundo cada vez mais global há que preparar as crianças para o conhecimento e domínio de uma língua fundamental para o seu desenvolvimento.

01.03.2011

Hoje estagiei no 2.º Ano B pois os alunos do 4.º Ano foram a uma visita de estudo à Tapada de Mafra.

Os alunos começaram o dia realizando um ditado de lateralização (Macieira) e, de seguida, resolveram três situações problemáticas.

Após o recreio da manhã, a professora escreveu no quadro uma frase e os alunos estiveram a fazer a análise morfológica da mesma.

Depois do recreio do almoço, a turma dividiu-se em 5 grupos e cada grupo apresentou o seu trabalho sobre o Sistema Solar.

Inferências

Os exercícios de lateralidade permitem desenvolver nas crianças várias componentes fundamentais como o esquema corporal, o equilíbrio, a coordenação, a estruturação espacial e temporal. Assim, de acordo com Condemarín e Chadwick (1987,

p.29): “A lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas”.

Desta forma, é necessário que a criança consiga controlar os seus movimentos, consciencializando-se de que é através do movimento dinâmico que se consegue o controlo do corpo.

02.03.2011

Hoje regressei à sala do 4.º Ano B.

Até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a ler um texto cujo título era “Uma história só”. Posteriormente, realizaram um roteiro da leitura do texto que consistia em responder a determinadas perguntas que se encontravam no mesmo, como “Qual o título do texto?”, “Quantos parágrafos tem?”, “Qual a ideia principal do texto?”, entre outras questões.

Ainda antes do recreio, os alunos tiveram a aula de Cerâmica.

No segundo tempo da manhã, estiveram a resolver uma proposta de trabalho sobre medidas de massa.

Depois do almoço, regressaram à sala de aula onde tiveram aula de Música. Aqui estiveram a assistir a vídeos de musicais famosos.

03.03.2011

Hoje a manhã de aulas teve início com a leitura e interpretação escrita de um texto.

De seguida, e antes do recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver quatro situações problemáticas.

Quando regressaram, duas estagiárias e eu estivemos a resolver exercícios matemáticos em conjunto com os alunos.

Da parte da tarde, a turma organizou-se em 5 grupos de 3 elementos. Formados os grupos, a professora entregou a cada um, um tema de História de Portugal. Cada grupo ficou encarregue de trabalhar um rei de Portugal.

Inferências

Quando os alunos trabalham em grupo existe uma maior probabilidade de a aprendizagem ser mais significativa do que quando trabalham individualmente. Desta forma, e segundo Salvador (1997, p.43), deve-se: “dar ênfase às relações que se estabelecem entre aluno – aluno, isto é, entre o grupo de pares”.

Por vezes, é importante integrar os alunos mais fracos em grupos constituídos por elementos mais fortes de modo a existir uma entreajuda, estimulando o espírito de cooperação e aprendizagem mútua. Para Freitas e Freitas (2002, p.44): “cada aluno promove a aprendizagem dos seus companheiros, a analisar conceitos que estão a ser aprendidos, ou ainda ensinar o que sabe aos seus companheiros”. Assim, através deste tipo de exercícios, os alunos aprendem a respeitar-se e aceitar as diferenças.

04.03.2011

Hoje foi a festa de Carnaval no Jardim-Escola. À medida que as crianças iam chegando, juntava-se no salão para, mais tarde, se agruparem de acordo com as máscaras que traziam. Desta forma, foram feitos vários grupos como o das princesas, dos super-heróis, dos vampiros, das espanholas, entre outros. Posteriormente, deram início ao desfile de máscaras pelo Jardim da Estrela.

De seguida, regressaram à escola, onde estiveram a brincar no pátio até à hora do almoço.

Da parte da tarde, as crianças e os professores juntaram-se no recreio do Pré-escolar para assistir a um espetáculo da Sic-K.

Inferências

O espetáculo do Carnaval desenvolve nas crianças o espírito da fantasia, do mundo imaginário, permitindo-lhes dar asas à imaginação e encarnar uma personagem. Segundo Agüera (2008, p.58): “As festas e celebrações constituem actos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande utilidade para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças”.

Pais e familiares assistiram animados e orgulhosos dos seus filhos. Nesta manhã, a segurança policial foi reforçada para que os alunos não corressem riscos desnecessários num acontecimento como este que atrai muitas pessoas de fora. As professoras e as estagiárias também se mascararam o que torna o ambiente muito agradável e divertido. È um dia cansativo para os adultos mas vale a pena o esforço, pois para muitas crianças é dos dias mais felizes que passam na escola. Também é certo que existem crianças que não partilham desta opinião, chegando mesmo a assustarem-se com algumas máscaras e situações. Cabe ao professor ajudá-las a superar esses sentimentos aceitando-os com respeito.

1.5. 5.ª Secção – Estágio no 3.º Ano B – Bibe Azul-Claro

O estágio no 3.º Ano B realizou-se no período entre 02.05.2011 e 08.07.2011, com a Professora Cooperante Susana Garcia.

1.5.1. Caracterização da turma

Segundo informações fornecidas pela professora Susana Garcia, a turma do 3.º Ano B é constituída por vinte e sete alunos: dezasseis elementos do sexo feminino e onze elementos do sexo masculino.

Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta o curso superior e exerce-o na profissão.

Existem dezassete famílias estruturadas e dez famílias não estruturadas.

Existem vinte e quatro alunos que residem próximo da escola e três que vivem longe da mesma. Onze alunos deslocam-se a pé, um aluno utiliza transportes públicos e quinze têm transporte próprio.

Em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa e empenhada no decorrer das aulas.

A partir dos testes diagnósticos foi possível retirar as seguintes conclusões: na área da Matemática, revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação, pois os alunos ainda não memorizaram a tabuada, na leitura de números e na numeração romana. Na área da Língua Portuguesa, apresentam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda cometem muitos erros ortográficos. Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior.

É de referir que alguns alunos se distraem com facilidade no decorrer das aulas, atrasando-se, por vezes, nos trabalhos propostos. No geral, a turma do 3.º B é uma turma assídua e pontual.

1.5.2. Caracterização do espaço



Figura 6 – Sala do 3.º Ano B

A sala do 3.º Ano B está situada no 1.º piso. Tem três janelas viradas para o recreio do Pré-Escolar.

Conforme se pode ver na figura 6, o mobiliário é composto por catorze mesas duplas, uma secretária e um armário de madeira onde a professora guarda os livros e o material escolar.

Numa das paredes há um quadro interativo e na parede oposta existe um quadro de giz. Há ainda uma parede onde está afixado um painel que é utilizado para colocar os trabalhos dos alunos.


1.5.3. Horário

No horário do 3.º Ano B estão contempladas as seguintes áreas curriculares e não curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, ACND, Expressão Artística, Educação Física, Inglês, Educação Musical, Assembleia de Turma, Clube de Ciência, Hora do Conto e Biblioteca/Informática.

De seguida, apresento no quadro 6, o horário integral da turma, cedido, gentilmente, pela professora da sala, e que faz parte do Projeto Curricular de Turma.

Quadro 6 – Horário do 3.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Estudo do Meio	ACND	ACND	ACND	Educação Musical
15.20 – 16.10		Clube de Ciência	Biblioteca/Informática	Expressão Artística	Educação Física
16.10 – 17.00	Hora do Conto	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Assembleia de Turma ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.5.4. Relatos diários

02.05.2011

Hoje foi o primeiro dia de estágio no 3.º Ano B.

Às 9h 30m, os alunos, acompanhados pela professora e por nós, estagiárias, dirigiram-se à casa de banho antes de iniciarem a manhã de aulas.

Quando entraram na sala, sentaram-se nos respetivos lugares e a professora dedicou alguns minutos às apresentações. Uma vez que as crianças já nos conheciam, pois tínhamos sido suas estagiárias no ano anterior, apenas nos lembraram os seus nomes.

De seguida, a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho com várias operações de multiplicação e divisão e, enquanto as crianças trabalhavam, a professora dirigiu-se ao meu par de estágio e a mim, e indicou-nos quais as crianças que apresentavam maiores dificuldades de aprendizagem.

Ainda antes do recreio da manhã, a professora deu início à correção da proposta de trabalho, resolvendo as situações problemáticas no quadro e em conjunto com os alunos.

No segundo tempo da manhã, regressámos à sala, cantámos os parabéns a uma menina que fazia anos e voltámos para o recreio, onde ficámos até às 13h.

Inferências

O estudo dos números e operações envolve a compreensão do conceito de número, da representação dos números e dos aspetos que se prendem com a realização de cálculos. Ponte e Serrazina (2000, p. 135) afirmam que “ (...) a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias uteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos”.

O uso de diferentes formas de representação aumenta a compreensão da operação e suas propriedades, nomeadamente a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, que constitui a base para a compreensão do algoritmo.

03.05.2011

Hoje, às 9h 30m, os alunos entraram na sala, acompanhados como de costume pela professora e por nós, as estagiárias.

Quando estavam todos sentados nos seus lugares, a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho de matemática em que tinham de resolver quatro situações problemáticas sobre perímetros e áreas do quadrado e do retângulo.

Enquanto as crianças estavam ocupadas a trabalhar, o meu par de estágio e eu reunimo-nos com a professora para marcarmos as datas e os temas das aulas que vamos lecionar nesta turma.

Já no segundo tempo da manhã, quando os alunos chegaram à sala, a professora pediu-lhes que abrissem o livro de leitura numa determinada página pois iam ler o texto. A professora fez a leitura modelo e depois pediu a três crianças que o lessem. De seguida, pediu-lhes que fechassem o livro e fez um ditado dos três primeiros parágrafos do texto.

Poucos minutos antes do almoço, as crianças estiveram, individualmente, numa folha de papel, a conjugar o verbo “amar” em todos os tempos verbais do modo indicativo.

Às 13h, os alunos dirigiram-se à casa de banho e seguiram para o salão para almoçar.

06.05.2011

Hoje, a professora Susana não esteve presente na sala pois esteve a vigiar as Provas de Aferição de Língua Portuguesa de uma das turmas do 4.º Ano. Uma vez que o

professor titular da turma não pode estar presente durante as provas, quem esteve a acompanhar os alunos do 3.º Ano B, durante toda a manhã, foi o professor do 4.º Ano A.

Antes de este chegar à sala, o meu par de estágio e eu já tínhamos explicado às crianças o que a professora tinha deixado para fazerem durante a manhã.

Começaram por realizar um ditado lacunar em que o texto apresentado tinha como título “Pé-ante-pé” . Este texto correspondia à letra de uma canção que continha 29 espaços para completar, à medida que ouviam a música. Quando a música terminava, colocávamo-la a tocar novamente até todas as crianças terem terminado.

Ao terminarem, as crianças respondiam às perguntas de interpretação do texto que tinham acabado de ouvir.

Após o recreio da manhã, quando as crianças regressaram à sala, o professor entregou a cada uma, uma proposta de trabalho sobre áreas e perímetros. À medida que a iam terminando, faziam um desenho livre.

Inferências

As provas de Aferição de Língua Portuguesa e de Matemática dos 1.º e 2.º Ciclos visam dar, tanto aos alunos como aos professores, uma visão mais objetiva daquilo que os alunos aprenderam ou não. Estas provas constituem uma avaliação intercalar que se enquadra no tipo de avaliação sumativa. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.359): “A avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado”.

Assim, a informação que os resultados destas provas fornecem mostra-se relevante para todos os intervenientes no sistema educativo, alunos, pais, encarregados de educação, administração e para os cidadãos em geral.

09.05.2011

Hoje estive a assistir a uma aula surpresa.

Por volta das 9h 30m, a professora Susana informou-nos que ia haver aula surpresa na sala do 2.º Ano B e que nós teríamos de ir assistir. Dirigimo-nos então à sala e quando entrámos já lá estava a professora orientadora à espera que a aluna começasse a aula. O tema que lhe foi dado foi leitura de números e uma soma com empréstimo, utilizando o material Calculadores Multibásicos.

A aluna começou por distribuir uma caixa de Calculadores por cada criança. De seguida, lembrou o nome do material com o qual iriam trabalhar e as regras que tinham de respeitar aquando da sua utilização.

Começou por ditar um número e pediu às crianças que o representassem nas placas. De seguida, pediu a uma criança que lesse a placa por ordens e a outra que lesse por classes.

A estagiária questionou ainda as crianças sobre os algarismos de maior valor absoluto e relativo e qual o algarismo de ordem 2 antes de ditar uma situação problemática para introduzir a soma.

10.05.2011

Hoje às 9h 30m, as crianças entraram na sala, acompanhadas, como de costume, pela professora da sala e por nós, estagiárias.

Por volta das 9h 45m entrou na sala uma professora orientadora informando o meu par de estágio que iria dar uma aula de divisões com números decimais.

A minha colega começou por escrever no quadro uma divisão em que o dividendo era constituído por quatro algarismos e o divisor por dois. Uma vez que o primeiro tinha uma casa decimal e o segundo tinha duas, lembrou a regra da divisão com números decimais em que o dividendo tem de ter mais ou igual número de casas decimais que o divisor. Até ao final da aula, escreveu mais duas divisões no quadro e pediu aos alunos que as resolvessem à medida que uma criança as resolvia no quadro.

Quando a aula terminou, dirigi-me à biblioteca onde assisti e participei na reunião acerca da aula da minha colega.

Inferências

O algoritmo da divisão é uma operação aritmética difícil de concretizar por grande parte dos alunos. Esta deverá ser, primariamente, bem trabalhada através de materiais concretos e mais tarde através de relações entre números. Segundo Caldeira (2009, p.81):

“A tarefa da aritmética é chegar à simbolização e formalização das operações matemáticas partindo das acções físicas; essa tarefa implica: abstrair as diferentes relações e transformações que ocorrem, os processos análogos, diferenças, reversibilidade, etc.”.

Para que a aprendizagem seja feita, é necessário que se trabalhe uma série de factos, de resultados e técnicas que permitam calcular qualquer operação, tudo ligado a uma estruturação e simbolização dos conjuntos numéricos.

16.05.2011

Hoje tive a minha primeira manhã de aulas no 3.º Ano B.

Às 9h 30m iniciei a aula de Estudo do Meio, cujo conteúdo abordado foi os movimentos da Terra (Rotação e Translação).

Através de uma maquete representativa do sistema solar, comecei por falar do movimento de rotação e, posteriormente, do movimento de translação. Após a minha explicação, pedi a duas crianças que se levantassem e se dirigissem ao quadro, por forma, a que todos pudessem observar e representar os dois movimentos que a Terra faz.

Para consolidar o tema, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho e um envelope. Esta era constituída por frases incompletas e que os alunos teriam de completar com palavras que se encontravam dentro de cada envelope. Esta aula e respetiva proposta de trabalho servirão de suporte à análise que realizei no capítulo dos dispositivos de avaliação.

Na área de Matemática, utilizei o geoplano para introduzir a temática sobre a área do triângulo. Pedi às crianças que representassem um retângulo e que calculassem mentalmente a área deste. De seguida, pedi que, utilizando apenas um elástico, representassem um triângulo no interior do retângulo, de forma a obterem dois triângulos retângulos iguais. Desta forma, expliquei que podemos calcular a área de um triângulo a partir da área de um retângulo, pois a área do primeiro é metade da área do segundo com a mesma base e a mesma altura. Para concluir introduzi a fórmula para calcular a área do triângulo.

Já depois do recreio da manhã, terminei a aula de Matemática resolvendo uma proposta de trabalho e iniciei a de Língua Portuguesa onde falei sobre os advérbios de tempo, lugar e modo. Cada aluno tinha, escondido debaixo da sua mesa, um advérbio. Depois de explicar o significado desta classe de palavras, pedi que cada aluno construísse uma frase onde utilizasse o “seu” advérbio. Desta forma, e depois de identificarem o advérbio iam ao quadro coloca-lo na coluna correta (lugar, tempo e modo).

Inferências

Falar às crianças sobre os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, utilizando material de apoio e pedindo a colaboração dos alunos para encenarem o planeta Terra e a Lua, respondem exatamente ao que é proposto pelo programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico no âmbito da Descoberta do Ambiente Natural. Assim, de acordo com o Ministério da Educação (2004, p. 118): “Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações (...)” permite às crianças reterem mais informação, visualizando. Este processo, em conjunto com outros recursos da comunidade como os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação devem estar disponíveis em sala de aula.

17.05.2011

Hoje, às 9h 30m, dirigi-me à sala do 1.º Ano B para assistir a uma aula surpresa dada por uma aluna do Mestrado. Foi pedido à estagiária que desse uma aula de 30

minutos onde teria de abordar a soma com empréstimo, utilizando o material Calculadores Multibásicos. Esta começou por distribuir uma caixa por cada aluno e, de seguida, ditou um número para os alunos representarem nas placas. À medida que os alunos iam representando o número, a estagiária ia circulando pela sala, verificando se havia dúvidas. Depois, ditou uma situação problemática onde introduziu a soma.

Inferências

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático que permite aos alunos trabalhar várias situações problemáticas, ajudando-os a construir conceitos matemáticos como representar quantidades, efetuar cálculos e realizar leitura de números, começando por colocar as unidades no orifício mais à direita da placa. Este material é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma e um conjunto de cinquenta peças de cores diferentes: dez peças amarelas, treze peças verdes, treze peças encarnadas, dez peças azuis, duas peças cor-de-rosa e duas peças de cor lilás. Todas as peças encaixam umas nas outras formando “torres”. Segundo Palhares (2004, p.171): “A base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior”.

Assim, o recurso a este material é uma mais valia pois, ao utilizá-lo, a criança tem oportunidade de experimentar, colocando hipóteses, e tirar conclusões através da reflexão.

20.05.2011

Hoje, e uma vez que os alunos do 3.º Ano A e B foram a uma visita de estudo, estive a estagiar na sala do 2.º Ano A.

Às 9h 30m, as crianças dirigiram-se à sala, acompanhadas pela professora da sala e pelas estagiárias. Iniciaram um trabalho de matemática sobre operações aritméticas (multiplicação e divisão) e respetivas provas.

Quando regressaram do recreio da manhã, continuaram os trabalhos iniciados de manhã.

27.05.2011

Hoje foi dia da minha aula programada.

Às 9h 30m, entrou na sala a professora da equipa de Supervisão Pedagógica Filomena Caldeira para assistir à minha aula. Iniciei a aula, de imediato. Comecei por relembrar aos alunos, os dois movimentos que a Terra faz e a partir daí fiz a ponte para os dois movimentos da Lua. Através de uma maquete representativa dos três astros (Sol, Terra e Lua), questionei as crianças acerca da formação da Lua. Depois de perceber o que os alunos sabiam sobre o astro em questão, expliquei as fases da Lua. Através de um cartaz (com o Sol e o planeta Terra) exposto no quadro, fiz a legenda com as quatro fases da Lua.

Na área de Matemática, apresentei um gráfico de barras e distribuí por cada aluno uma ficha com um gráfico igual ao exposto no quadro, para que pudessem analisá-lo e responder às questões.

Na aula de Língua Portuguesa, coloquei uma frase no quadro (“Se pudesse, a Marta faria uma viagem à Lua”) e pedi a um aluno para classificar morfologicamente o verbo “fazer”. Uma vez que o verbo se encontrava no Modo Condicional, o aluno não conseguiu classificá-lo. Assim, questionei as crianças quanto aos modos verbais que conheciam e apresentei o Modo Condicional e as suas terminações. De seguida, pedi a outro aluno para conjugar, oralmente, o verbo “fazer” no Modo aprendido hoje.

Às 11h, dirigi-me à sala do 4.º Ano A onde estive reunida com as professoras orientadoras, cooperantes e estagiárias para falar das aulas assistidas.

Inferências

A estatística é um conteúdo matemático que está contemplado em todos os programas escolares e é utilizada na recolha, classificação, apresentação e interpretação de dados que se querem estudar.

De acordo com o Ministério da Educação (2004, p. 170), “A utilização de setas, diagramas, tabelas, esquemas e gráficos, contribuirão para: Comunicar e registar ideias de forma mais simples e clara; Ler e interpretar informação com maior facilidade”.

31.05.2011

Hoje foi o meu par de estágio a dar a sua aula programada.

Iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa onde abordou as palavras homónimas, homófonas e homógrafas. Recorreu a um PowerPoint para explicar o tema e, para consolidar, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho em que tinham de identificar cada par de palavras como sendo homónimas, homógrafas ou homófonas (Ex.: conselho/concelho; banco/banco).

Na área de Matemática o tema abordado foi a área de figuras irregulares. A estagiária distribuiu por cada aluno uma caixa do material Cuisenaire. Depois, pediu que, com três peças à escolha, representassem uma figura. De seguida, e após ter verificado se todos os alunos tinham construído uma figura de acordo com as indicações dadas, pediu a três alunos que representassem no quadro as figuras que construíram. Desta forma, explicou o que são figuras irregulares e como se calcula a área destas.

No segundo tempo da manhã, a estagiária terminou a aula de Matemática e iniciou a aula na área de Estudo do Meio. Esta tinha como tema central os pontos cardeais e colaterais. Para o explorar, recorreu, mais uma vez, a um PowerPoint.

06.06.2011

Hoje dei mais uma manhã de aulas a esta turma.

Na área de Matemática, recorri a um PowerPoint para abordar os submúltiplos das medidas de volume. Depois de relembrar quais os submúltiplos das medidas de comprimento e de área, conteúdos esses já conhecidos pelos alunos, expliquei quais os submúltiplos das medidas de volume e o porquê de terem expoente 3. De seguida, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho que consistia em fazer reduções entre os submúltiplos aprendidos hoje.

Na área de História de Portugal, recorri mais uma vez ao PowerPoint para explicar o Interregno – Crise de 1383 a 1385. Para iniciar a aula, questionei os alunos sobre o que sabiam acerca de D. Fernando e aproveitei essa informação para fazer a ponte com o tema a abordar.

No segundo tempo da manhã, não tive oportunidade de iniciar a aula de Língua Portuguesa que tinha preparado para este dia pois, quando chegámos ao recreio, por volta das 11h 15min já lá estava a Protecção Civil a realizar mais uma prevenção de segurança. Durante toda ação, foi sugerida a participação de uma funcionária do Jardim-Escola, fazendo-se passar por vítima de incêndio, para tornar mais real o simulacro.

Inferências

Todo o simulacro foi cumprido tanto pelos Bombeiros como pelos alunos e restante pessoal docente e não docente, de forma a tornar o mais real possível o mesmo. Quando tocou o alarme, todos os alunos, acompanhados pelas respetivas professoras, educadoras e estagiárias dirigiram-se ao recreio onde permaneceram até novas ordens. De acordo com as normas de segurança fornecidas pelo Ministério da Educação (1996, p.35):

“Devem efectuar-se, regularmente, testes ao Plano de Emergência de modo a garantir a sua funcionalidade durante um fenómeno de risco, analisando, profundamente, as estruturas de comando e de controlo, a reacção dos intervenientes, a interacção entre estes e a regulamentação a aplicar, assim como, a capacidade de recuperação das funções de gestão de uma Instituição”.

07.06.2011

Hoje, até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar a prova Trimestral de Língua Portuguesa.

Quando regressaram, iniciei a aula de Língua Portuguesa que não pôde ser realizada no dia anterior. Através de um PowerPoint, apresentei aos alunos as características dos verbos auxiliares e para que servem. Depois, para consolidar a matéria, pedi a todos os alunos que escrevessem uma frase constituída pelo verbo principal e por um verbo auxiliar.

Inferências

A correta utilização dos audiovisuais é um meio fundamental de fazer chegar a informação, claramente, aos alunos. Desta forma, cabe ao professor intervir de forma a proporcionar, eficazmente, momentos de aprendizagem às crianças que tem à sua frente. Segundo Proença (1990, p.105): “(...) a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades de aprendizagem”.

14.06.2011

Hoje, às 9h 20m, os alunos entraram na sala de aula, acompanhados pela professora titular e por nós, estagiárias.

Às 9h 30m, o meu par de estágio deu início à sua segunda manhã de aulas. Começou por relembrar aos alunos a definição de área para introduzir o tema “Área de figuras irregulares”. Através do material Cuisenaire, os alunos construíram várias figuras irregulares e calcularam, numa folha de cálculo, as respetivas áreas.

Às 10h 30m, fui assistir a uma aula surpresa no 3.º Ano A. Foi pedido à estagiária que desse uma aula sobre leitura de números até à classe dos milhões com o material Calculadores Multibásicos.

Terminada a aula, dirigi-me à biblioteca onde me reuni com as estagiárias que deram aula hoje, as que assistiram, professoras supervisoras e professoras titulares de turma.

17.06.2011

Hoje houve, no Jardim-Escola, Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional do Pré-Escolar. Os alunos do 1.º Ciclo, acompanhados dos professores e estagiárias, foram para o Jardim da Estrela, onde estiveram a participar em atividades lúdicas. Os alunos realizaram e participaram em várias atividades, tais como pinturas, reciclagem, badmington, saltar à corda, leitura e escrita de slogans alusivos à preservação do ambiente.

Inferências

As atividades lúdicas que as crianças praticam fora da sala de aula são sempre importantes na medida em que proporcionam o contato com a natureza. Desta forma, Cordeiro (2010, p. 334) afirma que “Brincar não é necessariamente sinónimo de actividade, mas a maioria dos jogos e brincadeiras envolve a acção dos músculos, articulações e ossos, da visão, audição e percepção dos movimentos, coordenação entre o cérebro e o corpo, ou psicomotricidade”.

20.06.2011

Hoje foi dia de Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional do 1.º Ciclo. Dei aula no 3.º Ano B, às 11h. Iniciei com a aula de História, passei para a de Língua Portuguesa, Matemática e, por fim, fiz um jogo. Todas as áreas estavam relacionadas com o tema “O selo”.

Para a área de História, alterei a disposição da sala de aula transformando-a no “Museu do Selo”. Antes de entrarmos no “Museu”, relembrei as regras de comportamento que teríamos de respeitar. De seguida, apresentei aos alunos vários “quadros” que diziam respeito à história do selo (1.º selo a circular no Mundo, 1.º selo a circular em Portugal, homem que inventou o selo, entre outros). À medida que iam visualizando as imagens expostas, os alunos iam ouvindo as minhas explicações, atentamente. No final da visita, dediquei alguns minutos para tirar as dúvidas que pudessem existir.

Na área de Língua Portuguesa, distribuí um texto que tinha como título “O selo em Portugal”. Após a leitura do mesmo, questionei as crianças quanto às palavras cujo significado lhes era desconhecido. Apresentei, de seguida, uma não frase e pedi a dois alunos que a transformassem numa frase para que pudéssemos analisá-la morfológicamente. Cada aluno tinha em sua posse uma folha de papel com as palavras da frase e, à frente de cada uma delas, teriam de fazer a análise morfológica.

Na área de Matemática, expus no quadro várias imagens de selos, onde trabalhámos as frações equivalentes. Pedi aos alunos que retirassem debaixo das carteiras um envelope com selos e uma caixa com algarismos móveis. Através deste

material, lembrei o que é uma fração, quais os termos que a constituem e, de seguida, expliquei o que é uma fração equivalente, através de exemplos.

Para finalizar a aula, realizei um jogo. Comecei por formar duas equipas (equipa verde e equipa rosa). Numa das paredes do recreio do 1.º Ciclo afixei um cartaz com imagens de vários selos. Cada um dos elementos das duas equipas teria de correr, carimbar o cartaz e regressar à sua equipa, passando a esponja ao colega e assim sucessivamente. Cada equipa teria de “carimbar” o máximo de selos possível com o carimbo da cor que representava.

Inferências

Este dia foi muito especial para nós estagiárias, pois é um dos momentos de avaliação do nosso estágio profissional. Estávamos todas muito nervosas e o ambiente na escola era significativo de que este dia era importante e diferente. O frenesim e a excitação eram variados e todas estávamos curiosas em saber qual seriam os professores que constituiriam o nosso júri. A minha aula foi organizada de acordo com um tema aglutinador – o selo - para que fosse mais fácil e interessante para as crianças a abordagem às três áreas curriculares obrigatórias.

Na quarta área, a do Jogo, optei por uma corrida entre duas equipas. A corrida desenvolve nas crianças competências a vários níveis que permitem o desenvolvimento integral das mesmas. Segundo Elkonin (1998, p. 417):

“(…) o jogo de grupo pode ser utilizado para favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e moral. Os jogos prestam-se particularmente bem ao desenvolvimento da cooperação: no jogo, a criança coopera voluntariamente (de uma maneira autónoma) com as outras, praticando as regras. Os jogos deste género exigem muita descentração e coordenação inter-individual e as crianças são motivadas a utilizar a sua inteligência para jogar bem”.

Desta forma, considero que o jogo poderá ser encarado como fomentador de aprendizagens, mantendo sempre o carácter lúdico que lhe é característico.

21.06.2011

Hoje, a manhã teve início com uma aula de Estudo do Meio dada por uma aluna do 2.º ano da Licenciatura. Esta consistia numa experiência sobre flutuabilidade.

Para realizar a experiência, a estagiária começou por colocar em cima de uma mesa de apoio dois recipientes de água, uma batata e uma maçã. Depois, introduziu os alimentos em cada um dos recipientes e verificou, em conjunto com as crianças, que a maçã flutua e a batata vai ao fundo. Referiu ainda que, seja de que tamanho for, a batata nunca flutua e para o comprovar, partiu a batata e a maçã em bocados e colocou-os novamente em cada um dos recipientes. Desta forma, concluíram que o facto de a maçã flutuar e a batata não, se deve à densidade dos mesmos.

Às 11h, os alunos dirigiram-se ao recreio onde estiveram até às 11h 20m.

De seguida, por volta das 11h 30m, acompanhados pelas professoras e estagiárias, os alunos do 1.º ciclo reuniram-se no Museu João de Deus para ouvir uma história contada pelo seu autor, o locutor e apresentador, António Sala.

Inferências

As atividades práticas experimentais fazem parte do currículo de ciências e permitem desenvolver nos alunos várias capacidades. Assim, Hudson, citado por Almeida (1998, p.43) afirma que: “qualquer estratégia de aprendizagem que exija num aluno uma atitude activa em vez de passiva, levando a aprender melhor com a experiência directa, pode ser designada por actividade prática”.

24.06.2011

Hoje, os alunos dos 3.º e 4.º Anos reuniram-se na sala do 4.º Ano B, onde estiveram até às 11h. Durante o tempo em que estiveram na sala, nós estagiárias, organizámos uma atividade que consistia em construir origamis. Os alunos fizeram várias dobragens que coloriram ao seu gosto.

Por volta das 11h 20m dirigimo-nos ao recreio onde ficámos até às 13h. Durante este tempo em que estivemos no exterior, as crianças brincaram livremente.

Inferências

A construção de origamis permite desenvolver nos alunos habilidades artísticas necessárias na construção de capacidades espaciais. O Origami poderá ser utilizado em áreas como a Matemática e a Língua Portuguesa pois segundo Gênova (1998, p.12):

“Utilizar esta técnica do Origami, em algumas disciplinas auxilia no despertar das noções de equilíbrio, espaço, na fixação das dobras na sua programação do que será feito e a ordem para executá-lo até chegar ao resultado final. Além disso, acalma quem faz e agrada a quem recebe pois cada peça tem intencionalmente um significado”.

As transformações que poderão surgir a partir da dobragem de um simples pedaço de papel desenvolvem a imaginação e promovem também o fascínio.

28.06.2011

Hoje, durante o primeiro tempo da manhã, os alunos estiveram na sala a brincar.

Às 11h, dirigimo-nos ao recreio onde ficámos até às 13h.

Inferências

O brincar livremente permite desenvolver nas crianças habilidades básicas e até mesmo adquirir novos conhecimentos através do processo de socialização. Segundo Cordeiro (2010, p.334): “O jogo, especialmente na versão faz-de-conta, oposição e limite, e porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar e lidar com sentimentos”.

Este momento de brincadeira ao ar livre constitui uma forma de relaxamento, importante para a que as crianças se envolvam de forma mais positiva e construtiva quando regressam à sala de aula.

Para efeitos da elaboração deste relatório de estágio profissional, este foi o último dia a ser relatado.

Não posso deixar de comentar que apesar de ser muito trabalhosa a elaboração destes relatos e a sua respetiva fundamentação, estes permitiram, tornar-me mais consciente da realidade que estava a observar, a valorizar mais alguns aspetos que considerava não terem tanta importância, como por exemplo, o dia de Carnaval, ou a hora da Música, ou do Inglês, pois tinha a ideia pré concebida que só as áreas curriculares e o professor da sala é que eram mesmo importantes.

Tudo o que rodeia a criança e o que ela faz na escola é fundamental para o seu desenvolvimento harmonioso e equilibrado. Estes relatos contribuíram bastante para uma clarificação de ideias e um conhecimento de quatro profissionais tão diferentes na sua maneira de ser e de organização que me ajudaram com as suas diferentes formas de ser e de agir, a crescer profissionalmente e de como vou querer ser brevemente. Percebi também como é importante que haja um trabalho de equipa entre todos e com todos os adultos, incluindo os pais das crianças, no dia-a-dia de uma escola.

Reconheço que por vezes fui demasiado sucinta, que poderia ter fundamentado mais outros assuntos, mas no essencial, fui objetiva, verdadeira, responsável e coerente com o que queria descrever e deixar neste registo. Também a falta de tempo e o não podermos escrever durante o estágio o que observávamos, ajudou a que este fosse desta forma.

Guardo na memória excelentes momentos passados com as crianças e os adultos que nunca esquecerei, e posso ainda referir que o melhor deste ano letivo foram os dias em que vinha para o Jardim-Escola. Adorei ser estagiária e todos os dias sentir que evoluía e crescia quer como ser humano quer como futura profissional.

CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES

Neste capítulo constam 3 planificações das três áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Estas aulas foram lecionadas no 2.º Ano B e, também, os planos de aula referentes à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), realizada no 3.º Ano B, uma das componentes de avaliação da unidade curricular para o qual este relatório também é um instrumento de avaliação.

Os planos de aula estão apresentados por ordem cronológica e seguidamente é apresentada uma pequena reflexão crítica seguida das fundamentações teóricas de cada um dos procedimentos.

2.1. Fundamentação Teórica

Todas as planificações aqui apresentadas seguiram o Modelo T de Aprendizagem proposto pelo Dr. Martiniano Pérez (s.d.) e serão fundamentadas cientificamente, conforme se pode ver na Figura 11.

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	

Figura 7 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

No entender deste autor, as planificações organizadas desta forma permitem identificar de forma adequada as capacidades e destrezas, os valores e atitudes, os

procedimentos, os conteúdos e, por último, a avaliação das duas primeiras, apesar de não ser pedido aos alunos do mestrado a inclusão destes dois aspetos. Todos eles são elementos fundamentais do “desenho curricular de aula” como modelo de aprendizagem-ensino, um marco de um novo desenho de aprender a aprender, facilitando a aprendizagem.

Segundo Pérez, (s.d., p.402),

“As capacidades – destrezas: indicam os objetivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver; Os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar”.

Nas planificações, as competências aparecem numa posição central, entre as Capacidades – Destrezas e os Valores – Atitudes, pois serão atingidas de acordo com o desenvolvimento destas.

Das diferentes leituras que realizei sobre esta temática, é unânime para os vários autores que planificar é um ato fundamental ao longo de todo o processo educativo. É essencial que o professor planeie as suas aulas de acordo com a turma que tem à frente, não esquecendo que cada aluno é um ser individual com dificuldades e facilidades distintas dos outros. Logo, é importante que o professor planeie a aula, tendo sempre em atenção aquele que vai aprender pois, desta forma, consegue prever, antecipadamente, dificuldades e providencia os meios para as ultrapassar. O ato de planificar conduz ainda à seleção de estratégias, meios e materiais que se moldam adequadamente aos objetivos em vista, ou seja, informa sobre aquilo que se pretende levar a cabo.

Zabalza (2000, p.48) afirma que:

“planificar é um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como apoio concetual e justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que se deverá concretizar numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”.

As planificações apresentadas neste capítulo e todas as outras que não integram este relatório mas que realizei para lecionar as minhas aulas, são baseadas num modelo

adaptado do modelo original, pois planificar para 60 minutos vai contra os princípios de Pérez que estabelece 6 semanas como limite mínimo para uma planificação a curto prazo.

Na avaliação que fiz das planificações que fazem parte deste capítulo, dei primazia à fundamentação científica dos procedimentos e métodos por serem estes os mais significativos para a nossa prática pedagógica.

Para Zabalza (2001, p.97): “ao fazer a programação, adotam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos e prioridades”. Após esta tomada de decisão e de acordo com a turma que o professor tem à sua frente, ele saberá quais os mais adequados e quais os que deve deixar de lado.

Quer a planificação quer a aplicação da mesma, deve corresponder sempre a uma séria e profunda reflexão por parte de quem a aplicou. É com esta que podemos evoluir e tornarmo-nos melhores profissionais.

É importante, ainda, referir que em todos os planos de aula apresentados existe uma nota que diz: “O plano pode estar sujeito a alterações”, de forma a possibilitar a flexibilidade necessária para mudar o rumo da aula sempre que se justificar.

2.2. Planificação de Aulas

De seguida apresentarei as planificações de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio que realizei no dia 28 de março de 2011, no 2.º Ano B e ainda a planificação que diz respeito à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). Os procedimentos de todas elas serão fundamentados cientificamente, segundo vários autores.

2.2.1. Planificação de Língua Portuguesa

Quadro 7 – Plano de Aula de Língua Portuguesa do 2.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 7 anos – 2.º Ano B
 Professora: Vera Sena
 Duração: 60 minutos
 Data: 28 de março de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Leitura e interpretação do texto “A Formiga Rabiga”. 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com a leitura do texto “A Formiga Rabiga”. Interpretar, oralmente e em conjunto, o texto lido. Ordenar as imagens (8) que estão afixadas no quadro relativas à história. Os alunos, em conjunto, terão de ordená-las e legendá-las. Entregar a cada aluno uma proposta de trabalho em que terão de legendar cada uma das imagens conforme estará no quadro e colori-las.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Compreensão oral: <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar; - Descrição de acontecimentos; Participar: <ul style="list-style-type: none"> - Representação mental; - Descrever uma situação dada. 	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir; - saber esperar; Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber tolerar;
Material: Texto “A Formiga Rabiga”, imagens, proposta de trabalho.	

- Iniciar a aula com a leitura do texto “A Formiga Rabiga”.

Entreguei a cada aluno o texto “A Formiga Rabiga” para que pudessem seguir a leitura. Primeiro realizei a leitura modelo e depois solicitei a dois alunos que o voltassem a ler. De seguida, fizemos a interpretação do texto em que o principal objetivo era trabalhar a compreensão deste e o enriquecimento da linguagem pois havia palavras cujo significado as crianças desconheciam.

- Interpretar, oralmente e em conjunto, o texto lido.

De acordo com as *Metas de Aprendizagem* do Currículo de Língua Portuguesa (2010), este tipo de estratégia permite que “O aluno responda a questões sobre o essencial das narrativas e exposições que ouve; ouça narrativas contadas ou lidas por outrem e expresse a sua opinião sobre o que ouve”.

- Ordenar as 8 imagens que estão afixadas no quadro relativas à história. Os alunos, em conjunto, terão de ordená-las e legendá-las.

Seguidamente, coloquei no quadro várias imagens desordenadas relativas à história, em que os alunos teriam de ordená-las cronologicamente consoante os acontecimentos da mesma. Esta estratégia permitiu aos alunos estruturar e organizar o seu pensamento.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.439),

“Por estratégia de ensino entende-se um conjunto de acções do professor orientadas para alcançar determinados objectivos de aprendizagem que se têm em vista. O termo «estratégia» implica um plano de acção para conduzir o ensino em direcções a objectivos fixados, traduzindo-se tal plano num determinado modo de se servir de métodos e meios para atingir esses resultados”.

O objetivo pretendido com este procedimento era que toda a turma participasse de forma harmoniosa na atividade, o que realmente acabou por acontecer. O facto de serem os alunos a legendar as imagens, permitiu-lhes desenvolver capacidades e destrezas como o socializar, o respeitar, o saber partilhar e aceitar as diversas opiniões.

Desta forma, e de acordo com as Metas de Aprendizagem do Currículo de Língua Portuguesa (2010), “O aluno interage verbalmente de uma forma confiante e participa na discussão a pares ou em pequeno grupo.”

- Entregar a cada aluno uma proposta de trabalho em que terão de legendar cada uma das imagens conforme estará no quadro e colori-las.

Depois de terminarem as fichas, ainda houve oportunidade de realizar uma nova leitura, desta vez com as legendas por eles criadas.

Posso afirmar que esta aula foi do agrado dos alunos e permitiu desenvolver as competências pretendidas.

2.2.2. Planificação de Matemática

No quadro 8 apresentamos a planificação da aula de Matemática realizada na mesma turma. Esta teve a duração de 60 minutos e foi suportada com um PowerPoint, notas e moedas fotocopiadas e plastificadas, uma proposta de trabalho e uma ficha informativa.

Gostaria ainda de referir que, na aula seguinte (outro dia de estágio), preparei uma aula prática, criando uma banca fictícia de produtos onde as crianças puderam “fazer de conta” e aplicar os conceitos.

Quadro 8 – Plano de Aula de Matemática do 2.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 7 anos – 2.º Ano B
 Professora: Vera Sena
 Duração: 60 minutos
 Data: 28 de março de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Matemática

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<p>1. O euro</p> <p>1.1. Símbolo</p> <p>1.2. Países que aderiram ao euro</p> <p>1.3. Moedas</p> <p>1.4. Notas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula apresentando aos alunos um PowerPoint com algumas das características do euro (símbolo, países que aderiram ao euro, moedas, notas) e perceber o que os alunos sabem sobre o tema. • Passar imagens de notas e moedas por todos os alunos, para que estes possam manipulá-las e observar as suas características. • Entregar a cada aluno uma proposta de trabalho sobre a matéria dada. • Entregar, a cada aluno, uma ficha informativa sobre o tema abordado.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão simbólica: <ul style="list-style-type: none"> - Identificar; - Classificar; • Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> - Representação mental; - Relacionar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir;; - saber esperar; • Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber ser dinâmico;
Material: PowerPoint, imagens de notas e moedas, proposta de trabalho, ficha informativa.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

- Iniciar a aula apresentando aos alunos um PowerPoint com algumas das características do euro (símbolo, países que aderiram ao euro, moedas, notas).

Iniciei a aula apresentando aos alunos um PowerPoint com várias imagens de moedas, notas, bandeiras de alguns países que aderiram ao euro e respetivo símbolo.

Cada vez mais, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) fazem parte do dia-a-dia das nossas crianças, tanto em casa como na escola. Estas podem e devem ser exploradas, de forma adequada, podendo ser um ótimo instrumento educativo. No entanto, segundo Silveira-Botelho (2009, p.120):

“Não basta integrar as novas tecnologias nos contextos de aprendizagem para assegurarmos a melhoria da sua qualidade. De facto, há que pensar uma adequada integração das TIC se queremos, efetivamente, criar ambientes educativos mais ricos que promovam uma aprendizagem de natureza construtivista”.

Através de um diálogo que estabeleci durante alguns minutos com os alunos, tive oportunidade de perceber quais os conhecimentos que estes detinham acerca do tema.

- Passar imagens de notas e moedas por todos os alunos, para que estes possam manipulá-las e observar as suas características.

Os alunos foram bastante participativos e interessados pois o contato direto com os materiais permite descobertas e é sempre enriquecedor.

Enquanto manuseavam, foram referindo diversas situações onde o dinheiro era utilizado no nosso dia-a-dia.

- Entregar a cada aluno uma proposta de trabalho sobre a matéria dada.

Por ser uma prática utilizada pela professora responsável da turma, no final da aula, realizámos, em conjunto, uma ficha. (Anexo A)

- No final entregar, a cada aluno, uma ficha informativa sobre o tema abordado.

Para revisão da aula dada, procedi à entrega de uma ficha informativa que foi lida oralmente em voz alta para verificação dos conteúdos abordados ao longo da aula.

(Anexo B)

Após o término desta aula, os alunos tiveram o seu justo intervalo. Assim, foram para o recreio onde puderam libertar energias e comerem o reforço da manhã.

Esta quebra torna-se muito útil e necessária pois é durante o tempo de recreio que as crianças libertam as energias de toda uma manhã de trabalho. É importante este momento pois permite que as crianças desenvolvam a socialização, o desenvolvimento psicomotor, muscular e sentido de grupo. É no recreio que a maioria das crianças participa em interações sociais com outras crianças, até mesmo as mais introvertidas, que em ambiente de sala de aula não se manifestam.

De acordo com Silva (2003, p.5):

“o recreio escolar adquire a dimensão de elemento integrante de um lugar que se assume cada vez mais como determinante na vida das crianças, pelo aparecimento de novas responsabilidades que agora se colocam à escola e, concomitantemente, à sua condição de alunos, que emerge da necessidade de uma escolaridade que as eduque no respeito pela sua dignidade humana, e esta escolaridade não se pode confinar às quatro paredes de uma sala de aula, ou seja, centralizar-se apenas na sua componente curricular”.

Por último, e por volta das 11h30m, regressámos à sala de aula para a próxima área.

2.2.3. Planificação de Estudo do Meio

No quadro 9 encontra-se a aula de Estudo do Meio que teve como tema central os meios de comunicação social.

Quadro 9 – Plano de Aula de Estudo do Meio do 2.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 7 anos – 2.º Ano B
 Professora: Vera Sena
 Duração: 60 minutos
 Data: 28 de março de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Estudo do Meio

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<p>1. Os Meios de Comunicação</p> <p>1.1. Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula apresentando imagens sobre os meios de comunicação social (televisão, rádio, imprensa, internet), através de um PowerPoint. • Questionar os alunos sobre o que há em comum entre as imagens apresentadas. • Contextualizar a aula, recordando como era feita a comunicação nos tempos da Pré-história e como esta tem vindo a evoluir até aos dias de hoje. • No final, entregar a cada aluno, uma ficha informativa sobre o tema abordado.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar: <ul style="list-style-type: none"> - observar; - descrever; • Orientação espaço-temporal: <ul style="list-style-type: none"> - compreender - situar cronologicamente; 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber escutar; - saber compreender; • Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - ser interessado;
Material: PowerPoint, ficha informativa.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

- Iniciar a aula apresentando imagens sobre os meios de comunicação social (televisão, rádio, imprensa, internet), através de um PowerPoint.

Para a elaboração desta aula, recorri a várias pesquisas e leituras tendo encontrado um vasto leque de imagens e informações acerca do tema, que seriam mais apelativas se fossem apresentadas tendo como suporte o PowerPoint, dado que o mesmo permite um apoio, uma melhor estruturação dos conceitos e uma maior motivação. Cabe ao professor propiciar aos seus alunos momentos motivantes de forma a que estes se envolvam na dinâmica das atividades.

- Questionar os alunos sobre o que há em comum entre as imagens apresentadas.

Para a construção do conhecimento e de ideias, e de acordo com as Metas de Aprendizagem (2010), “O aluno consulta obras de referência, em suporte de papel ou digital, (e.g.: dicionários; enciclopédias) para melhor compreensão do texto.”

- Contextualizar a aula, recordando como era feita a comunicação nos tempos da Pré-história e como esta tem vindo a evoluir até aos dias de hoje.

Apelei aos conhecimentos prévios dos alunos para melhor poder organizar as ideias que queria apresentar. Ao tomar conhecimento daquilo que os alunos já sabem, posso fazer uma melhor gestão do tempo e dos objetivos que quero atingir. Verifiquei que as crianças, quando as aulas têm estes suportes, estão à partida muito mais atentas e recetivas.

De acordo com Silveira-Botelho (2009, p.124):

“uma utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares. Portanto, as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como

novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido”.

- No final, entregar a cada aluno, uma ficha informativa sobre o tema abordado

Para concluir a aula, entreguei a cada aluno uma ficha informativa que foi lida à turma com o objetivo de rever os conteúdos abordados durante a mesma.

Ao terminar esta manhã de aulas, fiquei com a sensação de dever cumprido pois percebi que as crianças tinham gostado de aprender todos aqueles conteúdos. Tenho também a noção que, devido às estratégias que utilizei, tanto os materiais manipulativos como as imagens que apresentei em PowerPoint, permitiram que a aula tivesse tido sucesso e não se tivesse tornado massuda.

2.2.4. Planificações da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional – 3.º Ano B

Apresentamos, de seguida, as 4 planificações que dizem respeito à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), referente ao dia 27 de maio de 2011. As planificações apresentadas, quadros 10,11,12 e 13, referem-se às áreas de História, Língua Portuguesa, Matemática e, por último, o Jogo.

Por já terem sido alvo de avaliação e respetiva classificação, por parte de um júri formado por dois docentes da ESE e pela professora titular de turma, não procederei à fundamentação científica das mesmas. No entanto, não posso deixar de referir que o empenho e o esforço que foram desenvolvidos não corresponderam às minhas expectativas, e sei que poderia ter decorrido muito melhor. Caso fosse possível repetir estas aulas alteraria diversos aspetos, por forma a desenvolver mais competências nas crianças e, principalmente, mostrar-lhes menos nervosismo e uma maior confiança quer no tema quer em mim.

Quadro 10 – Plano de Aula de História – 3.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 8 anos – 3.º Ano B
 Professora: Susana Garcia
 Duração: 20 minutos
 Data: 20 de junho de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: História

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> O selo 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula levando as crianças numa visita ao “museu do selo”. Depois de relembrar as regras de comportamento que temos de ter quando entramos num museu, explicar um pouco da história do selo e algumas das principais características deste, à medida que vamos observando os “quadros”.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Participar: <ul style="list-style-type: none"> - relacionar; - elaborar resumos; Orientação espaço-temporal: <ul style="list-style-type: none"> - identificar; - situar; 	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir;; - saber esperar; Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber tolerar;
Material: Imagens, selos.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 8 anos – 3.º Ano B
 Professora: Susana Garcia
 Duração: 20 minutos
 Data: 20 de junho de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Análise sintática 	<ul style="list-style-type: none"> Entregar a cada aluno um texto cujo título é “O selo em Portugal”. Após a leitura do texto, esclarecer as crianças quanto às palavras cujo significado não conhecem. Apresentar uma não-frase e pedir que as crianças a transformem numa frase. Através da frase construída anteriormente, fazer a análise sintática da mesma.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Socialização: <ul style="list-style-type: none"> - saber reconhecer; - saber comunicar; Capacidade de classificação: <ul style="list-style-type: none"> - saber identificar; - saber caracterizar; 	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir; - saber esperar; Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber tolerar;
Material: Texto, frase.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 8 anos – 3.º Ano B
 Professora: Susana Garcia
 Duração: 20 minutos
 Data: 20 de junho de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Matemática

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Frações equivalentes 	<ul style="list-style-type: none"> Debaixo de cada mesa estará um envelope com selos e uma caixinha com algarismos móveis. Através deste material, relembrar o que é uma fração, quais os termos que a constituem e, de seguida, explicar o que é uma fração equivalente através de exemplos.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Orientação espacial: <ul style="list-style-type: none"> - reconhecer; - aplicar; Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> - identificar; - formular; 	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir;; - saber esperar; Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber tolerar;
Material: Imagens de selos, algarismos móveis.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

Quadro 13 – Plano de Aula de Jogo – 3.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Faixa etária: 8 anos – 3.º Ano B
 Professora: Susana Garcia
 Duração: 20 minutos
 Data: 20 de junho de 2011

Estagiária: Joana Garcia
 N.º 2
 Mestrado em Ensino do 1.º
 Ciclo do Ensino Básico

Área Temática: Jogo

Conteúdos	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Carimbar selos 	<ul style="list-style-type: none"> Formar duas equipas: a verde e a rosa. Na parede está afixado um cartaz com imagens de vários selos. Cada equipa terá de “carimbar” o máximo de selos possível com o carimbo da cor que representa. Ao sinal de partida, o primeiro elemento de cada equipa molha a sua esponja na tinta correspondente à sua cor e corre até ao cartaz para carimbar um dos selos. De seguida, regressa e passa o carimbo ao segundo elemento, repetindo-se o mesmo processo até não haver selos para carimbar. Ganha a equipa que carimbar mais selos com tinta da sua cor.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Socialização: <ul style="list-style-type: none"> - saber reconhecer; - saber comunicar; Capacidade de classificação: <ul style="list-style-type: none"> - saber identificar; - saber caracterizar; 	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ouvir; - saber esperar; Cooperar: <ul style="list-style-type: none"> - saber ajudar; - saber tolerar;
Material: Tintas, esponjas, cartaz.	

Plano baseado no modelo T de Aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

CAPÍTULO 3 – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas três propostas de trabalho, em que cada uma delas corresponde a uma determinada área curricular. A primeira refere-se à área de Língua Portuguesa, a segunda à de Matemática, e, a última, à de Estudo do Meio.

Todas as propostas presentes neste capítulo serão contextualizadas e fundamentadas cientificamente.

Apresentarei, também, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, as cotações estabelecidas, assim como um quadro com as cotações atribuídas e uma grelha de avaliação com a respetiva descrição. Os resultados obtidos serão apresentados através de um gráfico e, posteriormente, a respetiva interpretação.

3.1. Fundamentação Teórica

A avaliação é um elemento fundamental na prática educativa pois auxilia tanto o professor como o aluno, tendo como objetivo melhorar as condições de aprendizagem e verificar os resultados obtidos ao longo deste processo.

Segundo o Ministério da Educação (2002, p.9):

“A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento do sistema educativo”.

As avaliações que fazem parte deste capítulo são do tipo formativas pois visam identificar dificuldades e solucioná-las, sendo que, segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.348),

“A avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam”.

É importante para nós, futuros professores, termos a perceção daquilo que vamos avaliar, das razões porque avaliamos, pois, desta forma, conseguiremos desempenhar um bom papel ao longo do processo de aprendizagem das crianças.

Segundo Brown, Race & Smith (2000, p.30), avaliamos para:

“classificar ou escalonar os alunos, possibilitar aos alunos a sua progressão, orientar a progressão, facilitar as opções dos estudantes, diagnosticar falhas e permitir aos alunos retifiquem os seus erros, nos dar um feedback sobre o modo como ensinamos, motivar os alunos, fornecer estatísticas ao curso ou ao estabelecimento de ensino, possibilitar uma graduação dos alunos e uma classificação final e enriquecer a diversidade da experiência de aprendizagem dos alunos e a orientação do nosso ensino”.

Para além do tipo de avaliação formativa existem outros que não farão parte deste relatório mas que considero uma mais valia referir. São elas a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa. A primeira “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”. (Ribeiro e Ribeiro, 1989, p.342). A segunda, e de acordo com o Ministério da Educação (2002, p.39),

“pretende representar um sumário, uma apreciação “concentrada”, de resultados obtidos numa situação educativa. Esta avaliação tem lugar em momentos específicos, por exemplo no fim de um curso, de um ano, de um período letivo ou de unidade de ensino. Pretende, geralmente, traduzir de forma breve, codificada, a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implicitamente, se arbitrou ser importante de atingir”.

Deste modo, concluímos que a avaliação adquire um carácter importante enquanto elemento estruturante e estruturador das aprendizagens e torna-se num ato pedagógico de relevante importância na formação integral do aluno.

Sendo um elemento regulador na prática educativa, a avaliação tem determinadas finalidades que têm a ver com, segundo o Ministério da Educação (1992, p.12), “o processo de ensino-aprendizagem, a intervenção do professor, o papel do aluno no seu processo educativo e a melhoria da qualidade do sistema educativo”.

3.2. Avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa

Durante o estágio que realizei no 1.º Ano B, elaborei uma proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa, no dia 10 de janeiro de 2011. Esta foi realizada com 28 crianças e todas participaram.

Comecei por abordar os nomes próprios e os nomes comuns, recorrendo a palavras que fazem parte do dia-a-dia das crianças e expliquei em que diferem estas duas subclasses. Utilizei uma tabela, exposta no quadro, constituída por duas colunas, uma que correspondia aos nomes próprios e outra aos nomes comuns. Utilizei ainda palavras móveis, que seriam colocadas nas respetivas colunas. Cada aluno tinha uma proposta de trabalho com uma tabela igual à exposta no quadro e as 10 palavras numa caixa de texto.

3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

- Distinguir os nomes próprios – pretende-se que os alunos consigam reconhecer os nomes próprios, lendo-os, e os coloquem na respetiva coluna.
- Identificar os nomes comuns - pretende-se que os alunos identifiquem os nomes comuns e os coloquem na coluna correta.
- Copiar corretamente as palavras – pretende-se avaliar se os alunos, ao copiarem as palavras da caixa de texto para as respetivas colunas, o consigam fazer de forma correta e sem erros.
- Apresentação – pretende-se avaliar se os alunos se preocuparam com a apresentação estética dos seus trabalhos (trabalho limpo, sem rasuras).

A avaliação das propostas de trabalho que fazem parte deste capítulo tem por base a escala (Likert) utilizada no Jardim-Escola e que passamos a apresentar no quadro 14, com a cotação máxima de 10 valores.

Quadro 14 – Escala de avaliação utilizada

Fraco (F) – de 0 a 2,9 pontos
Insuficiente (I) – 3 a 4,9 pontos
Suficiente (S) – de 5 a 6,9 pontos
Bom (B) – de 7 a 8,9 pontos
Muito Bom (MB) – de 9 a 10 pontos

O quadro 14 apresenta o valor qualitativo e quantitativo que o aluno irá obter consoante a cotação que lhe for atribuída. Assim, se a cotação for menor do que 2,9 pontos, o aluno será avaliado qualitativamente com Fraco. Se a cotação estiver entre os 3 e os 4,9 pontos, terá Insuficiente na sua avaliação. No caso de as cotações estarem entre os 5 e os 6,9 pontos, o aluno terá Suficiente. Se, por outro lado, a cotação for entre os 7 e os 8,9 pontos, o aluno será avaliado com Bom. Por fim, se a cotação estiver entre os 9 e os 10 pontos, o aluno terá Muito Bom na sua avaliação.

Nos restantes dispositivos de avaliação, a escala utilizada será a mesma.

O primeiro dispositivo que apresentamos insere-se na área de Língua Portuguesa cuja ficha apresentamos em anexo. (Anexo C)

Através do quadro 15 podemos verificar quais os critérios e parâmetros utilizados e respetivas cotações.

Quadro 15 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Língua Portuguesa

Parâmetros	Critérios			Cotações
1. Distinguiu os nomes próprios	Sem dificuldade	Todas	3	3
	Com dificuldade	3 palavras	2,5	
		2 palavras	2	
		1 palavra	1,5	
		0 palavras	0	
2. Identificou os nomes comuns	Sem dificuldade	Todas	3	3
	Com dificuldade	5 palavras	1,5	
		4 palavras	1	
		3 palavras	0,5	
		2 palavras	0,75	
		1 palavra	0,25	
		0 palavras	0	
3. Copiou corretamente as palavras	Todas	3	3	
	Até 1 erro	2,5		
	Até 2 erros	2		
	Até 3 erros	1,5		
	Até 4 erros	1		
	Até 5 erros	0,75		
	Até 6 erros	0,25		
	Não copiou	0		
4. Apresentação	Adequada	1	1	
	Não adequada	0		
				Total = 10

3.2.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho

Quadro 16 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa

Parâmetros	Distinguiu os nomes próprios		Identificou os nomes comuns		Copiou corretamente as palavras							Apresentação		Pontuação
	Sem dificuldade	Com dificuldade	Sem dificuldade	Com dificuldade	Todas	Até 1 erro	Até 2 erros	Até 3 erros	Até 4 erros	Até 5 erros	Até 6 erros	Adequada	Não adequada	
Alunos														
1	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	-	0	9
2	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
3	3	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-	9
4	-	2,5	-	0,5	-	-	2	-	-	-	-	-	0	5
5	-	2	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	9
6	-	2,5	3	-	-	-	-	1,5	-	-	-	1	-	8
7	3	-	3	-	-	2,5	-	-	-	-	-	1	-	9,5
8	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
9	3	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-	9
10	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
11	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
12	3	-	-	1,5	3	-	-	-	-	-	-	1	-	8,5
13	3	-	3	-	-	2,5	-	-	-	-	-	1	-	9,5
14	3	-	-	0,5	-	2,5	-	-	-	-	-	-	0	6
15	3	-	3	-	-	2,5	-	-	-	-	-	1	-	9,5
16	-	2,5	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	9,5
17	-	2	-	1	3	-	-	-	-	-	-	1	-	9,5
18	-	2	-	0,75	3	-	-	-	-	-	-	1	-	6,75
19	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
20	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
21	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
22	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	10
23	-	2	-	0,75	-	2,5	-	-	-	-	-	1	-	6,25
24	-	2,5	-	0,5	3	-	-	-	-	-	-	1	-	7
25	3	-	3	-	3	-	-	-	-	-	-	-	0	9
26	-	2	-	1	3	-	-	-	-	-	-	1	-	7
27	-	2,5	-	0,5	3	-	-	-	-	-	-	1	-	7
28	3	-	3	-	-	2,5	-	-	-	-	-	1	-	9,5

3.2.3. Descrição da grelha de avaliação

Ao utilizar grelhas de avaliação, o professor assume uma responsabilidade crescente. Com elas, dá-se uma clarificação, no momento adequado, dos objetivos dos trabalhos desenvolvidos com os alunos.

A grelha foi realizada para 28 alunos, e todos participaram na proposta de trabalho.

Verifiquei que 18 alunos conseguiram identificar os nomes próprios sem dificuldade e 10 alunos revelaram dificuldades na distinção dos mesmos (4, 5, 6, 16, 17, 18, 23, 24, 26 e 27). Na identificação dos nomes comuns, 19 alunos não revelarem qualquer dificuldade e 9 alunos revelaram dificuldades, sendo que os alunos 4, 26 e 27 foram reincidentes. No parâmetro “Copiou corretamente as palavras”, 18 crianças copiaram corretamente, 6 crianças deram até um erro, 3 crianças deram até dois erros, e uma deu até três.

Como casos que merecem a minha atenção, temos os alunos 6 e 14 pois variam/alternam o seu aproveitamento escolar.

O aluno 1 não elaborou um trabalho com uma boa apresentação em virtude de ser uma criança muito competitiva, querendo ser o melhor e o mais rápido em todos os aspetos. Devemos estar atentos e chamá-lo a atenção. O aluno 4 também não apresentou um trabalho adequado, fruto do seu fraco desempenho. O aluno 14 também merece a nossa atenção pois é uma criança que fica furiosa quando erra, manifestando-se na folha de trabalho.

A maior parte da cópia errada das palavras, deve-se ao facto destes alunos quererem fazer depressa para terem mais tempo para brincar.

Este grupo de alunos, ao longo das várias aulas que lecionei, revelou sempre muito interesse em participar e realizar as fichas de trabalho escritas, não sendo porém muito cuidadosos na sua apresentação. Caberá ao professor da sala incutir nestas crianças o gosto pela produção de trabalhos bem feitos, bem organizados, bem apresentados bem como valorizar a importância destes aspetos para o seu futuro.

3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico

Na figura 8 podemos observar como foi a distribuição dos alunos pelos respetivos parâmetros.



Figura 8 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa

3.2.5. Análise do gráfico

Ao observarmos o quadro que diz respeito à grelha de avaliação, verificamos que, num total de 28 alunos: 19 atingiram o Muito Bom, o que corresponde a 68%, tendo 8 alunos tido a cotação máxima; 5 crianças obtiveram Bom, num total de 18%, sendo que 3 delas obtiveram a cotação de 7 valores, 1 com 8,5 valores e outro com 8 valores de cotação. As restantes 4 crianças atingiram a qualificação de Suficiente.

Desta forma, a média dos resultados obtidos pelos alunos relativamente à proposta em questão é de 8,7 valores.

De uma forma geral, podemos constatar que o grupo de crianças revelou ter conhecimentos acerca do tema, pois todas as crianças conseguiram obter resultados positivos.

Na maioria dos casos, as crianças revelaram conseguir identificar e distinguir os nomes próprios dos nomes comuns.

3.3. Avaliação da proposta de trabalho de Matemática

A proposta de trabalho à qual se referem as avaliações apresentadas neste ponto refere-se à área da Matemática. Esta foi realizada no dia 28 de março, no 2.º Ano B e nela participaram os 25 alunos da turma.

A proposta em questão era constituída por três questões. Relativamente à primeira, pedia-se que os alunos escrevessem o nome de dois países que aderiram ao euro. Na segunda era solicitado que fizessem a ligação entre as notas e moedas de euro apresentadas e o respetivo valor monetário. Por fim, a terceira questão tinha como objetivo que os alunos utilizassem corretamente os sinais de maior (>) e menor (<), obtendo afirmações verdadeiras.

3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No quadro 17 podemos verificar de uma forma simples quais os parâmetros e critérios que foram alvo de avaliação bem como as respetivas cotações.

Esta proposta de trabalho foi criada propositadamente para esta aula tendo como referência os diferentes trabalhos que a professora desta sala executa no seu dia-a-dia. Assim sendo, e por sugestão da professora em virtude da minha inexperiência, a mesma está demasiado simples e a sua realização não poderia ser longa, por causa da limitação do tempo disponível para a mesma.

Quadro 17 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações (pontos)
1. Escrever o nome de 2 países que aderiram ao euro	Escreve todos	2	2
	Escreve um	1	
	Não escreve nenhum	0	
2. Fazer a ligação correta entre a moeda/nota e o valor monetário	Sempre	3	3
	4 vezes	2,4	
	3 vezes	1,8	
	2 vezes	1,2	
	1 vez	0,6	
	Nenhuma vez	0	
3. Utilizar corretamente o sinal de maior (>)	Sempre	2,5	2,5
	2 vezes	1	
	1 vez	0,5	
	Nenhuma vez	0	
4. Utilizar corretamente o sinal de menor (<=)	Sempre	2,5	2,5
	2 vezes	1	
	1 vez	0,5	
	Nenhuma vez	0	
			Total = 10

- Escrever o nome de dois países que aderiram ao Euro – pretende-se que o aluno consiga escrever dois dos países que aderiram ao euro.
- Fazer a ligação entre a moeda/nota e o valor monetário – pretende-se que o aluno, ao visualizar a imagem da nota ou da moeda, consiga identificar qual o seu valor monetário.
- Utilizar corretamente o sinal de maior (>) – pretende-se que o aluno consiga identificar qual o maior valor monetário apresentado e utilize o sinal correto para obter afirmações verdadeiras.
- Utilizar corretamente o sinal de menor (<=) - pretende-se que o aluno consiga identificar qual o menor valor monetário apresentado e utilize o sinal adequado para obter afirmações verdadeiras.

Apresentamos de seguida o quadro 18 com os respetivos elementos acima descritos em forma de grelha pois desta forma permite-nos realizar uma análise rápida, direta e eficaz.

3.3.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho

Quadro 18 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Matemática

Parâmetros	Escreveu o nome de dois países que aderiram ao euro			Fez a ligação correta entre a moeda/nota e o seu valor monetário					Utilizou corretamente o sinal de maior (>)				Utilizou corretamente o sinal de menor (<=)				Pontuação (de 0 a 10 pontos)	
	0/2	1/2	2/2	Sempre	4 vezes	3 vezes	2 vezes	1 vez	Nenhuma vez	Sempre	2 vezes	1 vez	Nenhuma vez	Sempre	2 vezes	1 vez		Nenhuma vez
Alunos																		
1	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
2	2	-	-	-	2.4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	0.5	-	5.9
3	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	8.5
4	-	0	-	-	-	1.8	-	-	-	-	0.5	-	-	-	1	-	-	3.3
5	-	1	-	-	2.4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	5.4
6	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	8.5
7	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
8	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
9	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	0.5	-	6.5
10	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
11	2	-	-	-	2.4	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	9.4
12	-	1	-	-	-	-	1.2	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	5.7
13	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
14	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	7
15	2	-	-	-	2.4	-	-	-	2.5	-	-	-	-	-	1	-	-	7.9
16	-	1	-	-	2.4	-	-	-	-	-	0.5	-	-	2.5	-	-	-	6.4
17	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	8.5
18	2	-	-	-	2.4	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	9.4
19	2	-	-	-	2.4	-	-	-	2.5	-	-	-	-	-	1	-	-	7.9
20	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	-	1	-	-	8.5
21	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	8.5
22	2	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	8.5
23	2	-	-	3	-	-	-	-	2.5	-	-	-	-	2.5	-	-	-	10
24	2	-	-	-	2.4	-	-	-	-	1	-	-	-	2.5	-	-	-	7.9
25	-	-	0	-	-	-	1.2	-	-	-	-	0	-	-	1	-	-	2.2

3.3.3. Descrição da grelha de avaliação

A grelha foi realizada com toda a turma, num total de 28 alunos, e todos participaram na proposta de trabalho.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, *Escrever o nome de dois países que aderiram ao euro*, verifiquei que 20 alunos responderam corretamente ao que era pedido, 3 alunos escreveram corretamente apenas o nome de um país e os restantes 2 alunos não responderam à questão.

Relativamente ao segundo parâmetro, *Fazer a ligação correta entre a moeda/nota e o seu valor monetário*, constatei que 14 alunos fizeram a ligação corretamente, 8 alunos apenas fizeram quatro ligações, 1 aluno fez três ligações corretamente e 2 alunos apenas conseguiram realizar duas ligações.

Quanto ao uso parâmetro seguinte, *Utilizar corretamente o sinal de maior*, 11 alunos conseguiram obter a cotação máxima, 11 alunos apenas conseguiram utilizar duas vezes adequadamente o sinal, 2 alunos utilizaram o sinal corretamente apenas uma vez e 1 aluno nunca utilizou corretamente o sinal de maior.

No que diz respeito ao quarto parâmetro, *Utilizar corretamente o sinal de menor*, 16 alunos utilizaram corretamente o sinal, tornando verdadeiras todas as afirmações, 7 alunos utilizaram adequadamente o sinal apenas duas vezes e 2 alunos não conseguiram mais do que duas respostas corretas.

3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico

Conforme se pode verificar na figura 9, os resultados obtidos na avaliação da proposta de trabalho de Matemática abrangem todos os itens da escala de Likert.

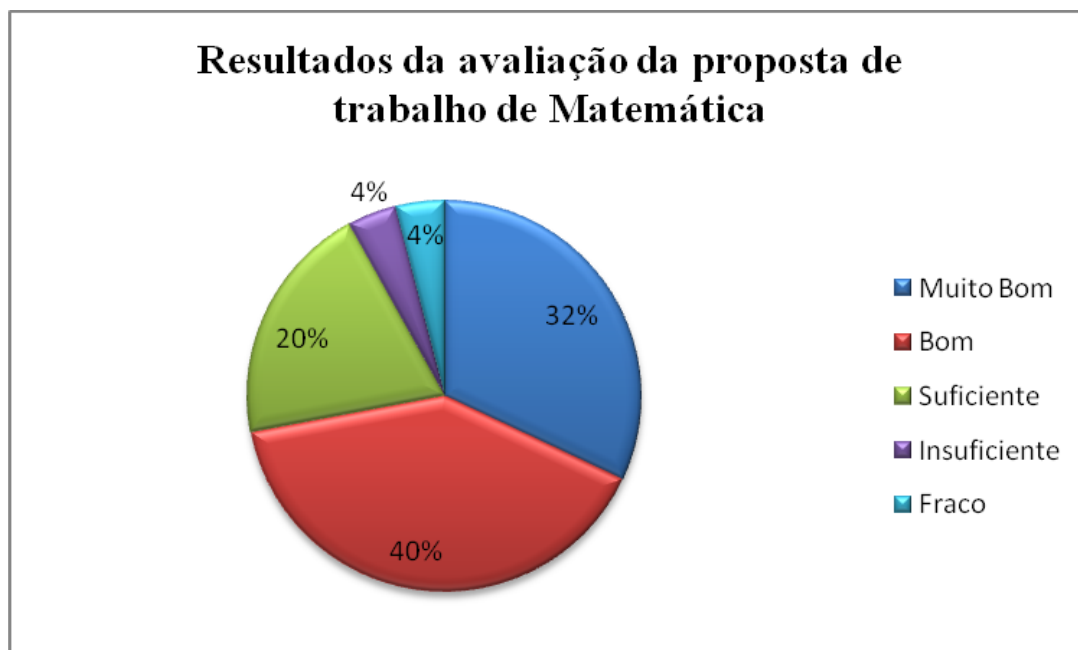


Figura 9 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Matemática

3.3.5. Análise do gráfico

Ao observarmos o gráfico (Figura 9), verificamos que, num total de 25 alunos, 32% dos mesmos, que corresponde a 8 alunos, conseguiu atingir o nível de Muito Bom. Dez alunos obtiveram Bom na avaliação, que corresponde a uma percentagem de 40%. Cinco alunos atingiram o Suficiente, numa percentagem de 20%. Dois alunos não conseguiram atingir a positiva na avaliação da proposta, tendo um deles obtido a cotação final de 3,3 valores e o outro 2,2 valores.

Assim, a média dos resultados obtidos pelos alunos é de 7,8 valores.

Pode-se concluir, desta forma, que no geral a turma assimilou os conteúdos, tendo havido apenas duas avaliações negativas.

3.4. Avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio

A próxima grelha de avaliação diz respeito a uma proposta de trabalho na área de Estudo do Meio que realizei no dia 16 de maio de 2011, no 3.º Ano B, sobre os Movimentos da Terra. Nesta participaram os 27 alunos que fazem parte da turma.

A proposta era constituída por dois exercícios. O primeiro consistia num texto lacunado em que as crianças teriam de colar as palavras móveis nos espaços corretos. (Anexo D). O segundo era constituído por uma imagem do planeta Terra e um dos seus dois movimentos representados por setas. Os alunos teriam de, ao observar atentamente a imagem, interpretá-la e identificar o movimento representado pelas setas.

3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Quadro 19 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da avaliação de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotações (pontos)
1. Identificou o Movimento de rotação	Sim	2	2
	Não	0	
2. Identificou o movimento de translação	Sim	2	2
	Não	0	
3. Reconheceu a duração do movimento de rotação	Sim	2	2
	Não	0	
4. Identificou a duração do movimento de translação	Sim	2	2
	Não	0	
5. Interpretou a figura	Sim	2	2
	Não	0	
			Total = 10

- Identificar o movimento de rotação – pretende-se que o aluno, ao ler a frase, consiga perceber que esta se refere ao movimento de rotação da Terra. Desta forma terá de colar a etiqueta referente a este movimento no local correto.
- Identificar o movimento de translação – pretende-se que o aluno consiga perceber, através da informação que lhe é fornecida, que a frase se refere ao movimento de translação da Terra.
- Reconhecer a duração do movimento de rotação – é pretendido que o aluno, com base na informação da frase e no que foi aprendido na aula, consiga identificar a duração do movimento de rotação da Terra.
- Identificar a duração do movimento de translação – é pretendido que o aluno, com base na informação da frase e no que foi aprendido na aula, consiga identificar a duração do movimento de translação da Terra.
- Interpretar a figura – pretende-se que o aluno consiga, ao observar a figura, perceber qual o movimento da Terra que está representado pelas setas.

À semelhança dos quadros anteriores que temos vindo a explicar, apresentamos de seguida a grelha de avaliação que serviu de suporte à minha avaliação.

3.4.2. Grelha de avaliação da proposta de trabalho

Quadro 20 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio

Parâmetros	Identificou o movimento de rotação		Identificou o movimento de translação		Reconheceu a duração do movimento de rotação		Identificou a duração do movimento de translação		Interpretou a figura		Pontuação De 0 a 10 pontos
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Alunos											
1	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
2	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
3	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
4	2	-	2	-	-	0	-	0	2	-	6
5	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
6	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
7	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
8	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
9	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
10	-	0	-	0	2	-	2	-	2	-	6
11	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
12	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
13	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
14	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
15	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
16	2	-	2	-	-	0	-	0	2	-	6
17	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
18	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
19	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
20	2	-	2	-	-	0	-	0	2	-	6
21	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
22	2	-	2	-	2	-	2	-	2	-	10
23	-	0	-	0	2	-	2	-	-	0	4
24	2	-	2	-	-	0	-	0	2	-	6
25	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
26	2	-	2	-	2	-	2	-	-	0	8
27	2	-	2	-	-	0	-	0	2	-	6

3.4.3. Descrição da grelha de avaliação

A grelha foi realizada para 27 alunos, tendo-se verificado o seguinte:

Relativamente ao parâmetro, *Identificar o movimento de rotação*, 25 alunos responderam corretamente ao que era pedido e 2 alunos não identificaram corretamente o movimento (10 e 23).

Quanto ao segundo parâmetro, *Identificar o movimento de translação*, os mesmos 25 alunos voltaram a ter a cotação máxima a esta questão e os alunos 10 e 23 erraram novamente. Estes dois alunos revelaram não ter conseguido distinguir os dois movimentos da Terra.

No terceiro parâmetro, *Reconhecer a duração do movimento de rotação*, pôde-se verificar que 22 alunos responderam corretamente à questão, tendo 5 alunos errado a mesma.

No que diz respeito ao último parâmetro, *Identificar a duração do movimento de translação*, verificamos que 22 alunos conseguiram identificar corretamente, tendo os 5 alunos que erraram o parâmetro anterior, voltado a errar.

Por fim, relativamente ao último parâmetro, *Interpretar a figura*, pode-se observar que 20 alunos tiveram a cotação máxima, tendo conseguido identificar o movimento representado pelas setas e 7 alunos não conseguiram.

Verificamos assim que o aluno 23 foi o que apresentou maiores dificuldades na realização da proposta assim como na maioria dos trabalhos realizados em sala de aula, sendo uma criança que está integrada no apoio escolar.

3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico

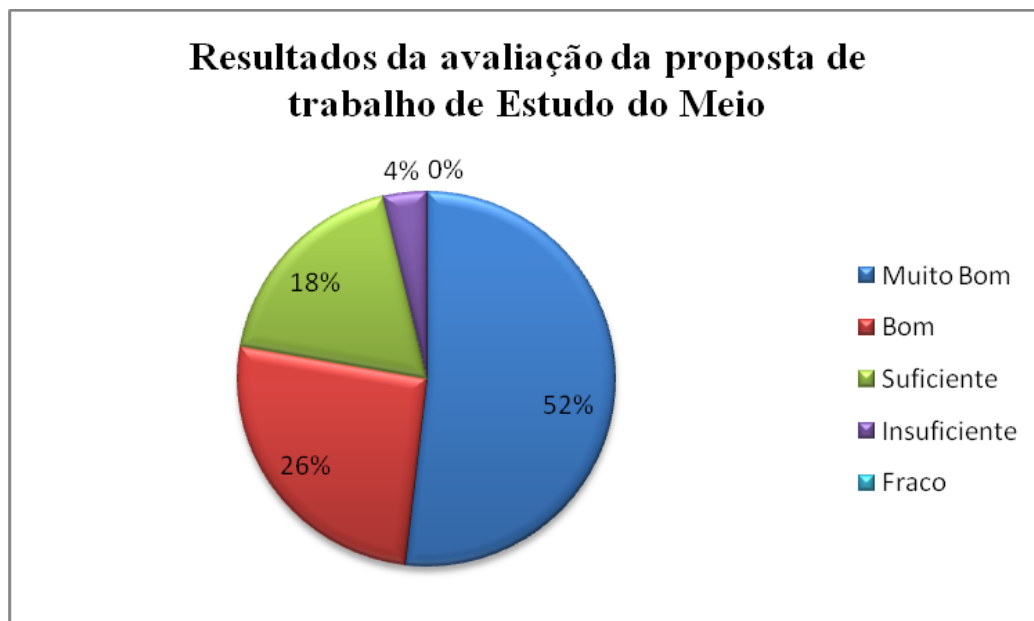


Figura 10 – Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio

Na figura 10 podemos encontrar a distribuição dos resultados da avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio, que analisaremos de seguida.

3.4.5. Análise do gráfico

Observando o gráfico relativo à proposta de trabalho na área de Estudo do Meio, verificamos que num total de 27 alunos, 14 atingiram o Muito Bom que corresponde a 52 %, 7 alunos obtiveram Bom na avaliação, o que corresponde a 26%, 5 conseguiram obter o Suficiente, que corresponde a 18 % e apenas 1 aluno obteve nota negativa, tendo Insuficiente, e que corresponde a 4%.

Desta forma, podemos concluir que o resultado das avaliações a esta proposta de trabalho foi positivo e depreende-se que os alunos, de um modo geral, atingiram os objetivos pois a média dos resultados obtidos por estes é de 8,4 valores.

A elaboração deste capítulo permitiu-me ter mais consciência não só da importância do mesmo como das dificuldades que tive em realizá-las. Consciente de que ainda me falta aprender bastante, tenho também a certeza de que com o treino e com os meus futuros alunos irei conseguir aferir e avaliar melhor todos os seus desempenhos.

CAPÍTULO 4 – REFLEXÃO FINAL

No currículo do Mestrado em Educação Básica, a unidade curricular denominada Estágio Profissional I e II foi, sem dúvida, um dos momentos mais esperados e valorizados ao longo do mesmo, em virtude de me permitir uma constante aprendizagem e crescimento profissional.

Formosinho (2001, p.50) caracteriza a Prática Pedagógica como “a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável”. Para este autor, esta é a fase da prática docente acompanhada, orientada e refletida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global, em contexto real, que permita desenvolver as competências necessárias a um desempenho consciente, responsável e eficaz. Deste modo, a Prática Pedagógica é um dos componentes fulcrais no processo de formação de professores e deve ser encarada como um fator de aprendizagem e de crescimento do próprio sujeito.

Na E.S.E. João de Deus, a Prática Pedagógica visa uma forte articulação entre a teoria e a prática. Proporciona não só a integração de aprendizagens feitas das diferentes componentes curriculares deste mestrado, mas também as minhas aprendizagens. Aliado a isto, realço a oportunidade de aprender a transformar esses saberes disciplinares em saberes profissionais que orientaram o meu estágio profissional no dia-a-dia.

Muitas das aprendizagens que realizei ao longo da formação foram por descoberta e associadas à resolução de problemas com os quais tive que lidar por diversas vezes. Na procura pelas diversas respostas através da observação, da reflexão e das planificações das aulas que fui preparando. Como estagiária, começo a ter consciência de como vai ser a minha vida profissional e tento entender e relacionar o que aprendi na teoria com o que vivo na prática.

Ao longo do estágio, fui ouvindo, por parte dos professores da equipa de supervisão da Prática Pedagógica, que os principais objetivos do estágio eram a aplicação de competências e os conhecimentos adquiridos a um contexto prático, o participar numa série de experiências práticas, o “sentir na pele”, o tomar consciência das áreas mais fortes e aquelas que precisam de mais aperfeiçoamento e ainda uma visão mais realista de como será a integração na vida ativa.

Na E.S.E. João de Deus pretende-se promover a preparação de professores reflexivos que assumam, desde logo, a responsabilidade do seu desempenho profissional e que participem com estratégias educativas com sentido.

Podemos referir que o estágio profissional, no geral, e a elaboração deste relatório em particular, ajudou a desenvolver competências reflexivas. É certo que nem sempre de uma maneira fácil e imediata, mas com acompanhamento e apoio dos professores cooperantes e da equipa da prática foi possível experimentar várias situações e refletir sobre as minhas práticas de uma forma mais crítica, tornando-me mais capaz de analisar as minhas escolhas, decisões, sucessos e insucessos.

Ao longo de todo o estágio, e o facto de existir uma relação estreita entre o local de estágio e os elementos da equipa (que também são docentes da E.S.E), facilitou e ajudou bastante à minha formação. Permitiu-me ter um apoio efetivo e uma maior aproximação durante a prática, estabelecendo-se desde logo uma boa relação pedagógica entre mim (aluna estagiária) e o corpo docente.

A oportunidade de trabalhar em equipa e o diálogo entre todos foi determinante para mim, principalmente quando me transmitiam de forma gradual essa capacidade para refletir de forma crítica. É importante sermos capazes de usar estratégias e recursos próprios que nos levem progressivamente a ser observadores reflexivos, participantes reflexivos e prático-reflexivos (utilizando a terminologia de Perrenoud).

Para terminar, em jeito de conclusão, o Estágio Profissional e a elaboração deste relatório tornou-me mais responsável, deu-me um olhar mais cuidado para a realidade e fez-me refletir de forma crítica e fundamentada. Fez, por outras palavras, com que crescesse bastante como pessoa e, sobretudo, como futura profissional.

4.1. Limitações

Dado a experiência que está subjacente a este Mestrado, com mais horas de Prática Pedagógica, as unidades curriculares teóricas lecionadas na E.S.E e toda a avaliação inerente a estas, nem sempre foi fácil arranjar tempo para realizar mais pesquisas e leituras para a realização deste Relatório Profissional.

Não posso também deixar de referir que senti muitas dificuldades na elaboração do capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação, por ter tido uma formação, nesta área, muito limitada para não dizer reduzida.

4.2. Novas pesquisas

Ao longo da minha formação (Licenciatura e Mestrado), pude aperceber-me que um professor tem de estar permanentemente informado e atualizado para que possa capacitar-se de conhecimentos e, por sua vez, de estratégias que melhor se adaptem à sua realidade educativa que estará em constantes mudanças. Por isso, julgo ser importante nunca deixar de ser uma profissional que quer sempre aprender mais.

Uma das áreas que me deixou bastante cativada foi a área de Língua Portuguesa, tão importante para o ensino nos dias de hoje. É fundamental que eu nunca deixe de apostar nesta área que é a base de toda a nossa cultura e educação. Irei estar atenta a todas as transformações que vão acontecendo (mais agora com a implementação do acordo ortográfico) e, se conseguir, gostaria de integrar grupos de trabalho com professores desta área e de ciclos diferentes do meu.

Como refere Vitor Hugo “Cada criança que se ensina é um Homem que se conquista”. Assim espero, com o meu trabalho, contribuir para um mundo melhor em que todos saibamos comunicar ideias, oralmente e por escrito, com correção linguística.

Segundo Gervilla (2003) a função do profissional é bastante complexa e normalmente o currículo formativo do futuro profissional parece estar mais centrado nas respostas do que nas perguntas, nas soluções estereotipadas do que no questionamento das mesmas, nos programas acabados e não na elaboração autónoma de alternativas fundamentadas, na ocultação de problemas e não na relevância dos mesmos, na simplificação reducionista frente à realidade adversa, no mimetismo repetitivo do que no afrontamento da ambiguidade, na segurança frente ao risco, no conhecido frente ao inovador.

É fundamental que na minha integração na vida ativa que eu seja capaz de fazer mais, de inovar, de produzir novas ideias e estratégias. Ser inovador e estar preparado para a mudança leva-nos a perceber e a reconhecer que a criatividade tem um papel

muito importante na sociedade atual, e que não nos devemos limitar a fazer o que os outros já fizeram. Espero tornar-me num profissional crítico, criativo e aberto através de sucessivos projetos onde me quero envolver, criando contextos que tenham valor educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguera, I. (2008). *Brincar e Aprender na Primeira Infância – Actividades, Rimas e Brincadeiras para a Educação de Infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. (2.^a edição). Coimbra: Livraria Almedina.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Conceção e Eficácia na Aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- André, A. (1996). *Iniciação da leitura – Reflexões para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Brown, S., Race, P. & Smith, B. (2000). *Guia da Avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Caldeira, M. F. T. H. S. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educacion.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Castro, S. L., Gomes, I. (2000). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A Escrita Criativa e Formal*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – Do 1 aos 5 Anos*. (5.^a edição). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. (1.^o edição). Cascais: Pergaminho.
- Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.

- Freitas, L. V. & Freitas, C.V. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Edições ASA.
- García, M., Roces, C. & González, P. (2002). Nuevas tecnologías y educación. In González-Pianda et al. (coords). *Manual de Psicología de la Educación*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp.295-314.
- Gaspar, M. P. (1996). *Dar vida à escola*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gervilla, A. (2003). *Creatividad Aplicada. Una apuesta de futuro*. Tomo I. Málaga: Dykinson, SL
- Gênova, A. C. (1998). *Origami Escolar; Dobraduras*. São Paulo: s.n.
- Gomes, J. A. (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro e da Leitura.
- Gomes, J. A. (2000). *Da Nascente à Voz – Contributos para uma Pedagogia da Leitura*. Lisboa: Caminho.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. P. (1992). *A criança em acção*. (3.^a edição). Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: Edições ASA.
- Magalhães, V. (2008). A Promoção da Leitura Literária na Infância: “Um Mundo de Verdura” a não Perder. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar – Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, I. P. et al. (2007). *Explorando plantas...Sementes, germinação e crescimento*. (1.^a edição). Lisboa: Ministério da Educação.

- Matos, J. M. & Serrazina, L. (1996). *O geoplano na sala de aula*. (3.^a edição). Associação de Professores de Matemática.
- Mialaret, G. (1975). *A Aprendizagem da Matemática*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (1998). *Criar o gosto pela escrita – formação de professores*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2002). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1996). *Para uma Escola mais Segura*. Lisboa: Programa de Produção e Educação para a Saúde.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas! – Comunicação, consciência corporal, disciplina, autocontrolo e auto-estima*. Porto: Porto Editora.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de Aprendizagem na Aula – Desenho e Avaliação*. Madrid: Facultad de Educaçã. Universidad Complutense.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, D., Marques, M. J., & Costa, M. L. (2000). *Fundamentos da Didática da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Reis, C. & Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.
- Ribeiro, A. C, & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodrigues, A. F. O. C. C. (2009). *Relatório de Estágio Profissional*, [texto policopiado]: Estágio Profissional I e II. Lisboa.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o Método de Leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Faculdade de Ciências da Educação.
- Salvador, C. S. (1997). *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Lisboa: s.n.
- Silva, A. N. B. A. (2007). *Participação e Cidadania*. Recuperado em 2011, junho, 11, http://www.cnpcjr.pt/downloads/Recrear%20o%20espaco%20escolar_Texto%20Definitivo_.pdf
- Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.
- Sousa, M. R. (2000). *Metodologias do ensino da música para crianças*. (1.^a edição). Gaia: Edições GAILIVRO.
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Vieira, H. (2000). *A Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed. Original em Espanhol publicado em 1996.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

ANEXOS

ANEXO A

Proposta de Trabalho de Matemática – 2.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus — Estrela

Nome: _____ Data: _____

___/___/___

O euro

1. Escreve o nome de dois países que utilizem o euro.

2. Faz a ligação correta.



• € 5



• € 0,50



• € 0,02



• € 0,05



• € 2

3. Utiliza os sinais de > ou < de forma a obteres afirmações verdadeiras.

€ 0,50 _____ € 0,05

€ 2 _____ € 20

€ 0,02 _____ € 0,20

€ 100 _____ € 0,10

€ 500 _____ € 200

€ 1 _____ € 0,10

ANEXO B

Ficha informativa de Matemática – 2.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Nome: _____ Data: _____

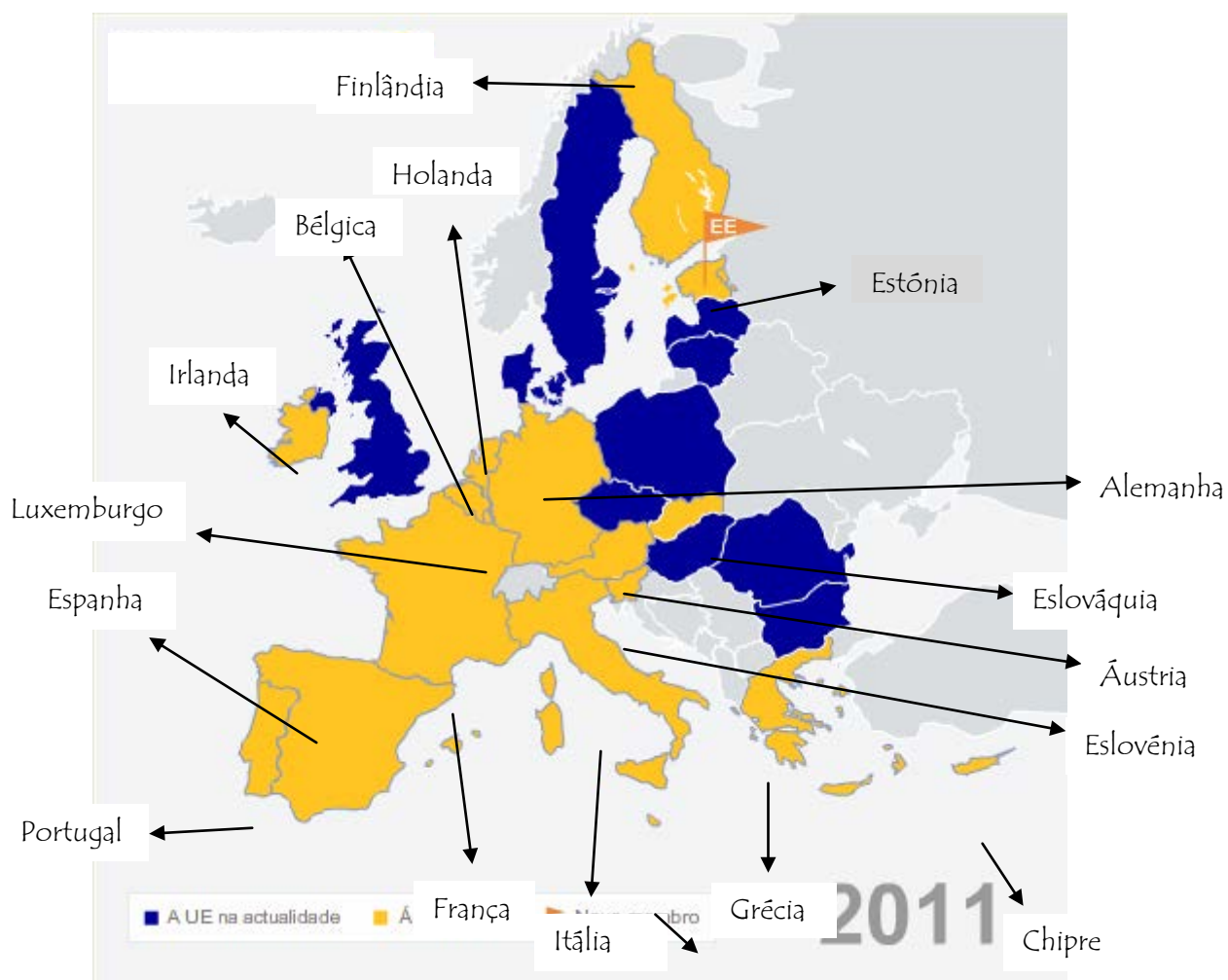
___/___/___

O euro



- Símbolo do euro

O euro (€) é a moeda oficial de alguns dos países que fazem parte da união europeia:



O euro existe na forma de moedas e notas desde o dia 1 de janeiro de 2002.

Moedas de euro

1 cêntimo (€ 0,01)



2 cêntimos (€ 0,02)



5 cêntimos (€ 0,05)



10 cêntimos (€ 0,10)



20 cêntimos (€ 0,20)



50 cêntimos (€ 0,50)



1 euro (€ 1)



2 euros (€ 2)



Notas de euro

5 euros (€ 5)



10 euros (€ 10)



20 euros (€ 20)



50 euros (€ 50)



100 euros (€ 100)



200 euros (€ 200)



500 euros (€ 500)



Joana Garcia – Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

ANEXO C

Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa – 1.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus — Estrela

Nome: _____ Data: _____

I. Coloca as palavras nas colunas corretas.

Nomes próprios	Nomes comuns

--

Faro árvore Madalena girafa Roma chapéu
cidade Marte urso livro

Joana Garcia – Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

ANEXO D

Proposta de Trabalho de Estudo do Meio – 3.º Ano B

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Nome: _____ Data: _____

____/____/____

Os movimentos da Terra

1. Completa o seguinte texto, utilizando as palavras que tens dentro do envelope.

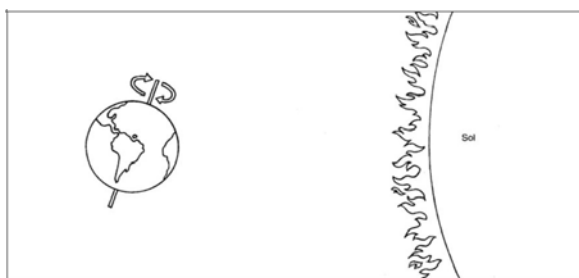
A Terra roda em torno de si própria - - (como se fosse um pião). Este movimento giratório ocorre sempre no mesmo sentido.

Uma rotação completa sobre o seu eixo demora cerca de determinando assim a sucessão dos dias e das noites.

Enquanto gira sobre si mesma, a Terra gira também em torno do sol, realizando assim um

Uma volta completa em torno do Sol demora , determinando assim, a sucessão dos anos.

2. Observa a representação do planeta Terra e do Sol:



- 2.1. Identifica o movimento representado pelas setas.

_____.

